

*A poesia brota
do Cerrado,
lírica e telúrica,
como as flores
do ipê florescem
na Primavera*

*Amo o quê há de
ambíguo num
porto de mar, que
convida a partir e
ensina a ficar...*

Cassiano Nunes

**DF
LETRAS**

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO IV

Nº 39/43

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

IMPRESSO

CONTRATO Nº 3956/91
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

Trinta e sete vezes Cassiano

Falar sobre pessoas é sempre temerário. Pecamos ou pelo excesso ou pela escassez de predicados de quem pretensamente queremos homenagear. Pode parecer redundante falarmos do professor, escritor, dramaturgo e poeta Cassiano Nunes, uma vez que neste número da DF Letras estamos trazendo uma bela entrevista com o nosso homenageado.

Mas, pelo carisma de sua presença, espírito altruísta, dedicação e por reconhecermos nele um grande intelectual, não poderíamos deixar de nos incluir entre aqueles que estão festejando os seus 76 anos de vida dedicados à cultura e à literatura brasileiras.

Defensor intransigente de Brasília, Cassiano Nunes prestou e ainda presta relevantes serviços como professor da Universidade de Brasília, conferencista e incentivador das atividades literárias, artísticas e culturais da cidade. Uma das virtudes do professor, como é carinhosamente chamado por seus amigos e admiradores, é o estímulo que dá aos jovens escritores.

Autor de vários livros e um dos maiores especialistas e estudiosos da obra de Monteiro Lobato, publicou também trabalhos sobre Gonçalves Dias e Casimiro de Abreu.

Cassiano tem um dos currículos mais respeitados nos círculos acadêmicos. Embora mais conhecido como poeta, o escritor trilhou também o gênero da dramaturgia. Uma de suas peças, "Nada Mudou", foi encenada sob a direção de Antunes Filho. Recebeu dois prêmios da Academia Brasileira de Letras em 1985 e o Prêmio OK de Poesia em 1995.

Neste ano a Câmara Legislativa do Distrito Federal lhe prestou uma justa homenagem conferindo-lhe o título de Cidadão Honorário de Brasília. A Fundação Casa de Penedo, de Alagoas, também somou-se a estas comemorações, publicando o livro "Vinte Vezes Cassiano", coordenado pelo jornalista Maurício Melo Júnior.

Cassiano Nunes reside em Brasília desde 1966, entretanto, pela garra e despojamento com que defende esta cidade, não seria exagero acreditarmos que ele está entre nós, candangos, desde 1960, na inauguração. Por isso, dizemos "trinta e sete vezes Cassiano", a idade de Brasília.

Cassiano é poesia pura e cristalina. Lírica e terna.

Luiz Estevão
Vice-Presidente da CLDF

Cassiano Nunes

Um dos intelectuais mais solicitados de Brasília, pela relevância de seu trabalho e pelo carisma de sua presença, Cassiano Nunes granjeia prestígio em todo o país e no exterior. Constantemente é convidado para proferir conferências e participar de encontros literários, cabendo destacar sua presença como professor nos Estados Unidos e em cursos e debates realizados em países como Alemanha, Equador, Portugal, Cabo Verde e Cuba.

Um caso de amor com Brasília

Entrevista concedida a
João Carlos Taveira
para a DF Letras



Autor de vários livros publicados e detentor de dois prêmios da Academia Brasileira de Letras, em 1985, o poeta e ensaísta Cassiano Nunes, residente em Brasília desde 1966, para onde veio por indicação de Carlos Drummond de Andrade para ocupar vaga na Universidade de Brasília, recebeu recentemente o título de Cidadão Honorário, conferido pela Câmara Legislativa do Distrito Federal.

Como parte das comemorações dos seus 76 anos, a Fundação Casa do Penedo, de Alagoas, sob a coordenação do jornalista e escritor Maurício Melo Júnior, reuniu os seus principais ensaios no livro *Vinte Vezes Cassiano*, editado pela Thesaurus; e as Edições Galo Branco, do Rio de Janeiro, publicaram a primeira parte de suas poesias completas.

Além de ser um dos principais estudiosos da obra de Monteiro Lobato, Cassiano Nunes é hoje um dos maiores defensores de Brasília e da marcha para o oeste, para afirmação da nossa nacionalidade. Para ele, "os males básicos do país não podem conspurcar o ideal de Brasília. A cidade é viável. Mais do que isto: a cidade prova, com facilidade, o seu progresso".

Nesta entrevista, Cassiano Nunes repassa pontos de sua trajetória cultural e reclama que os intelectuais não são convocados para participar da formação dos jovens: "Os jovens da atualidade não são maus. Eles são, na verdade, abandonados numa sociedade egoísta e fútil."



"A crítica literária não morreu; o que morreu foi o jornalismo inteligente feito primordialmente por intelectuais"

E N T R E V I S T A

JCT - Inicialmente, gostaria de saber como você vê o movimento literário na Capital da República.

CN - Cheguei a Brasília no princípio de janeiro de 1966, depois de ter participado intensamente da vida literária paulista, de ter vivido e lecionado nos Estados Unidos... A diferença de ambiente foi grande mas curiosamente havia mais animação literária em Brasília na década de 70 do que hoje... Jornalistas-escritores como Almeida Fischer dirigiam suplementos literários bastante vivos; havia encontros nacionais de escritores... Hoje, há uma solidão intelectual maior em Brasília embora promotores culturais como o poeta Amargedom procurem movimentar a nossa classe. Também o Instituto Histórico e Geográfico está promovendo boas reuniões culturais e a Secretaria de Cultura do DF já está desenvolvendo atividades, como o Projeto Classe Arte, que prometem êxito futuro.

JCT - Há mais de 30 anos você mora em Brasília - e porque quer. O santista, criado junto ao mar, apaixonou-se pelo cerrado?

CN - Amo o cerrado, sim. Vejo nele uma beleza rude, áspera, que me encanta. Suas flores são bizarras, sedutoras. Mas o que me prende a Brasília é que ela ensinou-me a ser pioneiro, isto é, ser útil, solidário, criativo. Em Brasília, pude ser um brasileiro melhor, isto é, mais dedicado à pátria. É claro que, no Rio ou em São Paulo, eu teria uma vida mais divertida e, porventura, brilhante. Mas como um brasileiro consciencioso de que o Brasil ainda carece de ser "terminado", aqui é um lugar melhor para o meu trabalho. Em Ipanema, eu estaria, à noite, ouvindo piadas deliciosas em choparias. Isto seria muito bom mas, para um brasileiro que ama o Brasil, aqui é um melhor lugar de trabalho. Foi assim que aprendi a amar Brasília.

JCT – Muito se tem debatido sobre questões editoriais e dificuldades enfrentadas pelos escritores locais. A que tais obstáculos poderiam ser atribuídos?

CN – Faltou um José Olympio em Brasília, um editor com visão e domínio do *métier*. Não podemos ter editoras fortes enquanto elas não se decidirem a cuidar da distribuição – que é o grande problema editorial do país. Lobato, o primeiro editor brasileiro, sabia disso e lutou para a solução do problema. E é claro que todo um programa cultural intenso, de caráter nacional, tem de ser feito permanentemente e com o apoio da mídia – tão esquecida do cultural, do ético...

JCT – Tem-se afirmado sistematicamente que a crítica literária está morta. Particularmente, acho que os seus espaços nos jornais foram suprimidos em função das exigências mercadológicas. Gostaria de conhecer sua opinião a respeito.

CN – A crítica literária não morreu; o que morreu foi o jornalismo inteligente feito primordialmente por escritores, por intelectuais, e não por comunicólogos de pouca leitura.

JCT – Gosto muito da expressão “comunicólogos de carteirinha” criada por você. Ela reflete muito bem o nível de mediocridade dos meios de comunicação. Isso é irreversível?

CN – Não sofro de paranóia; tenho sido até razoavelmente bem tratado. Não há, nas redações, inimigos dos escritores; o que há é uma diferença de gerações. A antiga lia e a atual não lê e conhece mais discos de *rock* do que os clássicos da nossa literatura.

JCT – Além das atividades de professor, você se dedica ao teatro, ao ensaio, à pesquisa, à poesia e, mais recentemente, às suas memórias. Como concilia tudo isso à vida



“Não sinto nostalgia da sala de aulas. Nunca fui, especialmente, um professor. Na verdade sou, em primeiro lugar, escritor. Um missionário das Letras”

participativa e combativa de um homem que está sempre presente em congressos, encontros, viajando de um lado para o outro constantemente?

CN – Um colega da UnB irônica ou maliciosamente proclamou que eu estava “em todas”! Realmente, estive em *muitas*, porque achei que essa era a minha obrigação, ou melhor, a minha missão. A vida para mim foi sempre constante aprendizado e a melhor maneira de aprender é conviver, trabalhar junto com os outros. Mas não foi totalmente fácil a minha carreira neste país pré-capitalista, com

resquícios coloniais e escravocratas, baseado no latifúndio estagnador e inimigo dos ideais progressistas.

JCT – Como tem sido sua vida fora da universidade, depois de uma experiência de mais de 40 anos? Existe alguma nostalgia? Algum ressentimento?

CN – Não sinto nostalgia da sala de aulas. Nunca fui, especialmente, um professor. Na verdade sou, em primeiro lugar, escritor e conferencista. Um missionário das Letras, da Cultura, sempre que posso. O magistério foi bom porque me permitiu so-

breviver, sem abandonar a Literatura.

Ressentimento? Na UnB, sofri, sim, um grande choque. Aconteceu quando a Editora da UnB, depois de ter aprovado o meu primeiro livro sobre Monteiro Lobato, resolveu esquecer o contrato e devolver-me os originais, sem nenhuma explicação. Esperara a publicação durante todo o ano de 1982, ano da comemoração do centenário de nascimento de Lobato.

A UnB não se dava conta de que a vinda, para Brasília, de intelectuais valiosos, artistas já conceituados, representava um prejuízo para eles, uma renúncia à projeção nacional. Deviam esses representantes da Cultura obter um apoio especial da Universidade por terem abandonado os grandes centros culturais onde é fácil conseguir êxito.

JCT – Autor de mais de uma vintena de livros e detentor de vários e importantes prêmios, você se sente um escritor realizado?

CN – Escritor realizado (no sentido da prática permanente da vocação) creio que sou. Tudo o que fiz foi Literatura. Reconheço, contudo, que num país mais adiantado, eu teria feito muito mais. Se tivesse continuado em São Paulo ou ido para o Rio de Janeiro, é certo que teria publicado mais e melhor.

JCT – Quais os seus poetas preferidos?

CN – Nos Estados Unidos, Whitman, Emily Dickinson, Robert Frost, Wallace Stevens. Na Alemanha, Goethe e Rilke. Na França, Victor Hugo e Verlaine. Em Portugal, António Nobre e Fernando Pessoa. No Brasil, Augusto dos Anjos, Raul de Leoni, Bandeira, Cecília, Drummond, Jorge de Lima e João Cabral.

JCT – Cite alguns livros que mais marcaram a sua formação.

CN – Na infância, *A Menina do Narizinho Arrebitado*, de Lobato. Na mocidade, *A Barca de Gleyre*, também de Lobato, que criou em mim a paixão pela literatura epistolográfica. Cartas, entrevistas, diários e biografias são as minhas leituras mais constantes. Detesto ficção científica. Quero a vida, a terra, a realidade, o quotidiano. Romain Rolland fortaleceu em mim a paixão pela justiça e pelos excluídos. Os “Journals” de Emerson revelam a beleza do transcendentalismo. Thornton Wilder, com quem cheguei a me corresponder, foi também leitura importante. Os grandes ensaístas brasileiros fazem-me amar mais o Brasil.

JCT – Considerando-se a evolução tecnológica e sabendo-se que as pessoas estão lendo cada vez menos, como você vê o futuro do livro?

CN – As pessoas estão lendo cada vez mais menos – e cada vez se transformando mais em mediócras e vulgares – e não é tanto por causa da nova tecnologia, mas pelo uso antiético, criminoso, que lhe é destinado. É fácil ver que está aumentando a ignorância da juventude e o pendor para o crime. A culpa não é da televisão (que é um invento maravilhoso) mas da exploração capitalista da televisão. Se não houver uma repulsa forte da sociedade a esse sistema abjeto, vamos ver logo o domínio do caos social. Vamos enfrentar o angustiante problema sem retórica nem hipocrisia!

JCT – A violência, hoje, está em todas as partes e sabemos, pelo noticiário dos jornais, que já aparece



“As pessoas estão lendo cada vez menos – e cada vez se transformando mais em mediócras e vulgares. A culpa não é da TV e sim da forma como ela é explorada”

com demasiada frequência em nossas cidades-satélites. Acha que podemos fazer algo para combatê-la?

CN – A violência aumentou tremendamente – e ainda está aumentando – no mundo inteiro, creio que posso dizer. É um caso novo e que precisa de ser estudado. Quais as causas principais da violência na atualidade? Isto é que necessitamos de saber. O êxodo das populações rurais, desmantelando as famílias e causando inchações nas cidades, é por certo um motivo forte do aumento da violência. Mas há também o apa-

recimento do crime na juventude das classes média e alta. Neste caso, a causa maior da criminalidade está na alienação provocada pela mídia. Os intelectuais de todo o mundo devem unir-se e denunciar o uso maléfico da mídia que perverte a juventude. Curiosamente, a fonte deste mal não é o Terceiro Mundo, mas o Primeiro!...

JCT – E o grande Monteiro Lobato? O que está nos preparando sobre ele?

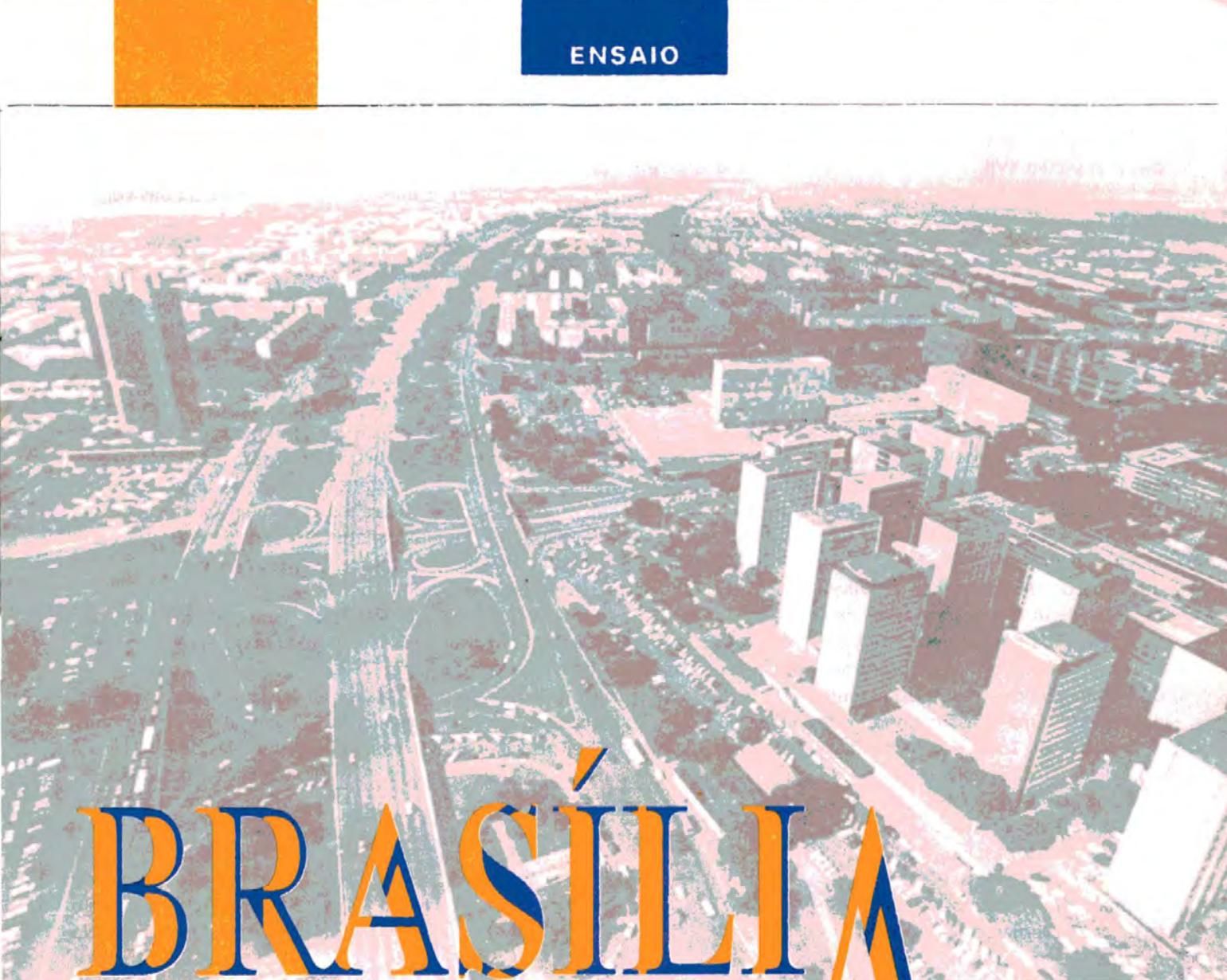
CN – Ainda há muito o que se fazer por Monteiro Lobato! No momento, aguardo, pela Fundação Getúlio Vargas (CPDOC), a publicação da correspondência entre o autor de *Urupês* e o sábio Artur Neiva. Essa edição trará dois ensaios introdutórios de minha autoria. Há 10 anos, procuro editar essa correspondência! Que país, meu Deus! Nele, até Lobato é difícil de publicar!

JCT – Agora, a minha pergunta costumeira: qual o seu processo de criação? Como e quando nasce o poema?

CN – Meu processo de criação é simples. O poema nasce de um estímulo qualquer: um estado de espírito, uma observação, às vezes até uma notícia de jornal. Assim aconteceu com o meu poema “Biografia” sobre Cacilda Becker e o meu poema “Casa das Palmeiras”, a benemérita instituição criada pela Dra. Nise da Silveira.

JCT – Depois de 76 anos bem vividos, 31 dos quais em Brasília, de que maneira você poderia ser mais útil à sociedade?

CN – Acho que sou naturalmente útil à sociedade escrevendo, mas poderia ainda ser mais útil falando aos jovens de todas as classes, mesmo àqueles que penam nas prisões. Falaria das experiências da minha vida, da fidelidade a um ideal, da necessidade do estudo e do trabalho. O Ministério da Cultura faria um grande bem à nossa juventude, levando velhos sábios como Plínio Doyle e José Mindlin, Antonio Cândido e Oswaldino Marques, a falarem, com simplicidade, aos jovens. Os jovens da atualidade não são maus. Eles são, na verdade, abandonados numa sociedade egoísta e fútil.



BRASÍLIA

*Fantástica! Louca!
Genial! Desnecessária.
Brasília é assim.
Não se consegue uma
unanimidade quando
tentamos defini-la.
Para alguns ela é uma
cidade mística. Todos os
caminhos do fantástico
levam a Brasília, diriam
outros. O pecado mora ao
lado. É a sede do Poder
Central, do Congresso
Nacional e da Justiça.
Os saudosistas a acusam
de não ter esquinas nem
mar...*

Um panorama das Letras

□ **Anderson Braga Horta**

A história da literatura de Brasília deve recuar a cerca de um século e meio de sua construção, para compreender também o que sobre ela – ou, menos especificamente, sobre a interiorização da capital brasileira – se escreveu desde então.

Brasília, sabe-se, não foi obra do acaso, nem do improviso. Nem sua construção foi realmente determinada, em meados da década de 50, por um gesto fortuito. Juscelino Kubitschek, grande estadista, por mais de um ângulo donde o vejamos, teve o mérito de desatar o nó que a prendia no papel; Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, o de lhe traçarem o delineamento plástico e estrutural; Israel Pinheiro e Bernardo Sayão, o

de lhe darem concretude. Mas a idéia de Brasília já vinha sendo concebida desde o século XVIII.

Os Antecedentes

Embora não lhe prevendo o nome, nem a localização no Planalto Central, já preconizavam a interiorização da capital do País os próceres da Conjução Mineira de 1789. Outros revolucionários, no Nordeste, de 1817 a 1824 (ano da Confederação do Equador), se manifestaram de modo semelhante. Em 1809, o redator do folheto *Nova Lisboa* também o recomendava. Sucederam-se, em todo o correr do século XIX, intelectuais que defendiam a idéia, desde o Conselheiro Veloso de Oliveira, autor de uma *Memória* apresentada ao Príncipe Regente em 1810, até o ilustre historiador Francisco Adolfo de Varnhagen, que tratou do assunto em mais de uma ocasião, sendo que em escritos de 1857 já recomendava a localização afinal aprovada, na “bela região situada no triângulo formado pelas três lagoas: Formosa, Feia e Mestre d’Armas”. Em 15 de agosto de 1825, Bernardo Pereira de Vasconcelos, no jornal *O Universal*, por ele fundado em Ouro Preto, recomenda a interiorização, em artigo editorial. Em 1852, Holanda Cavalcanti apresentava ao Senado projeto de construção da capital “entre os rios São Francisco, Maranhão ou Tocantins e as latitudes de 10 e 15 graus sul”.

Ernesto Silva refere, em sua *História de Brasília* (Centro Gráfico do Senado Federal, 1985, 2ª ed.), diversos outros nomes, dentre os quais sobrelevam o do jornalista Hipólito José da Costa e o do Patriarca da Independência, José Boni-

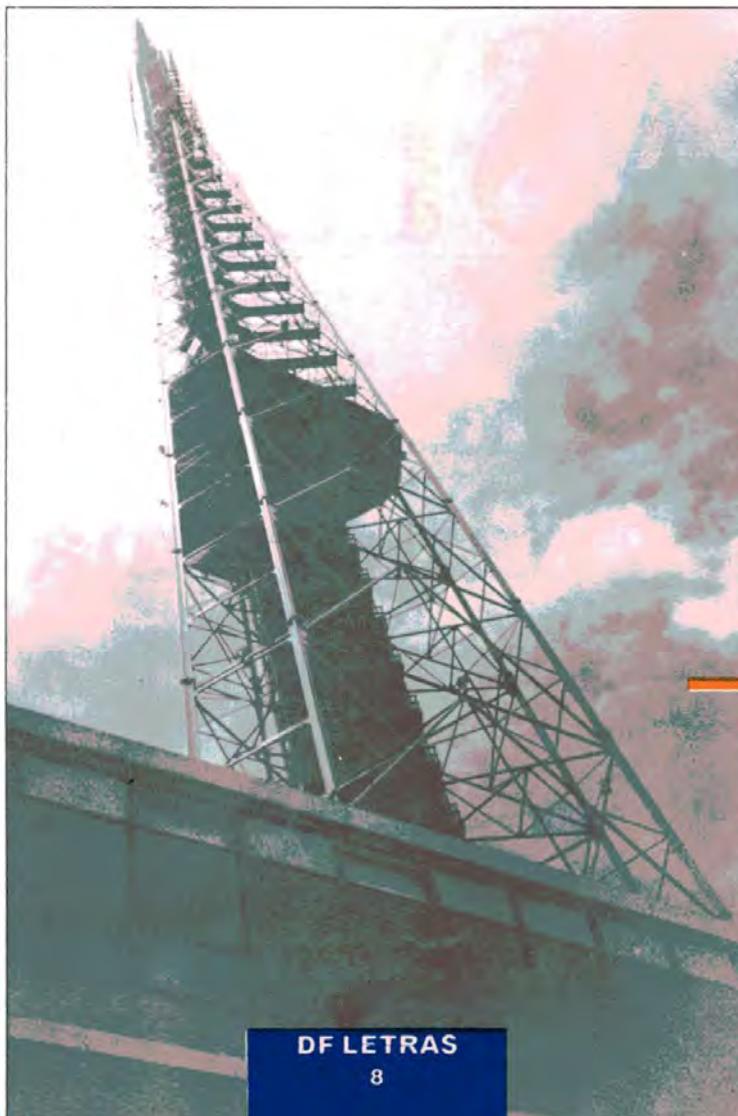
fácio de Andrada e Silva. Hipólito discorreu sobre o assunto em artigos publicados em seu *Correio Braziliense* a partir de 1813. Sugeriu, no primeiro desses trabalhos, localização aproximada à que viria a se concretizar, “nas cabeceiras do famoso rio São Francisco”, próximo às “vertentes de caudalosos rios que se dirigem ao norte, ao sul, ao nordeste e ao sueste”.

Já o Patriarca “organizou e redigiu, em 20 de outubro de 1821, as *Instruções do Governo Provisório de São Paulo aos Deputados às Cortes de Lisboa* (que passaram à História com a denominação de *Lembranças e Aparentamentos*), apresentadas ao Príncipe Regente em 9 de novembro por Antônio Carlos Ribeiro de Andrade”. Nesse documento, diz parecer-lhe “muito útil que se levante uma cidade central no interior do Brasil para assento da Corte ou da Regência, que poderá ser na latitude, pouco mais ou menos, de 15 graus”. (Ernesto Silva, ob. cit., pág.

28.) Mais tarde, ofereceria à Assembleia Constituinte *Memória* defendendo “uma nova capital do Império no interior do Brasil, em uma das vertentes do rio São Francisco, que poderá chamar-se Petrópole ou *Brasília...*” (*Enciclopédia Delta Larousse*, Rio de Janeiro, 1970; verbete “Brasília”).

Refira-se ainda, como antecedente dos dispositivos que inseriram a matéria nas constituições republicanas de 1891, 1934 e 1946, o folheto (anônimo) de 1822 intitulado *Aditamento ao Projeto da Constituição para Fazê-la Aplicável ao Reino do Brasil*, com treze artigos, o primeiro dos quais assim redigido: “No centro do Brasil, entre as nascentes dos rios confluentes do Paraguai e Amazonas, fundar-se-á a capital deste reino com denominação BRASÍLIA ou outra qualquer.” (*Id., ibid.*, pág. 29.)

Na República, por força do mandato constitucional, diversas comissões foram incumbidas de estudar um local para a cidade. A primeira, constituída em 1892 por Floriano Peixoto, a Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, foi chefiada pelo geógrafo Luís Cruls. Na área indicada por Varnhagen, delimitou o que viria a ser conhecido como “Retângulo Cruls”. Suas conclusões foram insistentemente advogadas, desde 1930 até a década de 50, no Conselho Nacional de Geografia, pelo geógrafo Mário Augusto Teixeira de Freitas; e comissão chefiada pelo engenheiro Poli



... do alto da torre de TV, como em um pedestal, alguns “críticos” de ocasião dizem que ela também não tem produção cultural. É descerebrada, sem poetas e escritores...

Coelho reconheceu a excelência do local por ela preconizado. Outra comissão, presidida pelo general José Pessoa, delineou a área aprovada em 1955.

Não se pode deixar de lembrar, a propósito da antevisão de Brasília, o sonho de Dom Bosco (1893), relatado em suas *Memorie Biografiche*, no qual, se não se inscreve explicitamente a fundação de uma cidade, conforme o demonstra L. Fernando Tamanini em *Brasília: Memória da Construção* (1994, págs. 101 e segs.), decerto se profetizam maravilhas a acontecer no continente sul-americano (nomeados os países: a Nova Granada, ou Colômbia, a Venezuela, as três Guianas e o Brasil), mas de modo particular entre os paralelos 15 e 20.

Os Pioneiros

Tão demorada e conspícua gestação da idéia de interiorizar a capital, indicados o lugar e o nome com mais de um século de antecipação, mostram que Brasília, ao nascer, já desde muito estava no cérebro da pátria; na sua consciência e, mais que isso, no seu subconsciente. Brasília é fruto genuíno e vigoroso da inteligência e da vontade nacional, longamente querido e longamente planejado, meticulosa e firmemente realizado. Natural que despertasse o interesse dos intelectuais, natural que mexesse com a imaginação dos poetas. Aos que versejaram sobre ela, principalmente no período da construção – sem questionamentos de valor literário – Ernesto Silva dedica um capítulo, o XLIII, de seu livro citado. Dentre as obras que em prosa se escreveram sobre o assunto relaciona *A Nova Capital*, de José Peixoto da Silveira, *Quando Mudam as Capitais*, de J. O. de Meira Penna, *Brasil, Capital Brasília*, de Osvaldo Orico, *Brasília*, de Moisés Gicovate, *A Nova Metrô-*



pole do Brasil, do marechal José Pessoa, *A Mudança da Capital*, de Adirson Vasconcelos, *Minha Experiência em Brasília*, de Oscar Niemeyer, *De Aknaton a JK*, de Iara Kern, *Meu Pai, Bernardo Sayão*, de Lea Sayão, *Brasília - Diálogo com o Futuro*, de Antonio Carlos Osorio, *Pioneiros e Candangos*, de Raimundo Brito, *Invenção da Cidade*, de Clemente Luz, *Notícia Histórica sobre a Imprensa de Brasília*, de E. d'Almeida Vitor, a par de muitos outros. Podemos acrescentar: *Bibliografias 3: Brasília*, do Centro de Documentação e Informação da

...Deus deu aos poetas a liberdade da cumplicidade com as palavras. Os anjos vêm sussurrá-las em sonhos proféticos em noites dionisiacas...

Câmara dos Deputados (1972), *Distrito Federal*, de Edson Nery da Fonseca (Bloch, Rio de Janeiro, 1ª ed., 1976), *Brasília e Sua Ideologia*, de G. I. Joffily (Thesaurus, 1987), *Três Faces de uma Cidade*, de José Aparecido de Oliveira (GDF, 1987), *Utopia Brasileira*, de Meira Penna (Itatiaia, Belo Horizonte, 1988), *História da Terra e do Homem no Planalto Central*, de Paulo Bertran (Solo, 1994), e seria difícil parar, se quiséssemos ser exaustivos.

O número de verbetes apresentados por Napoleão Valadares no seu *Dicionário de Escritores de Brasília* (André Quicé, 1994) chega a 793; e Joanyr de Oliveira, em *Poesia de Brasília*, coletânea ainda inédita, só de poetas arrola mais de oitocentos.

Acerca dos pioneiros, diz Napoleão (ob. cit., "Ao Leitor"):

"Clemente Luz, que escreveu no período da construção de Brasília, foi o primeiro a publicar crônicas em jornais na Cidade Livre, mas essas crônicas só vieram a ser reunidas em livro

muito depois: *Invenção da Cidade* em 1968 e *Minívada* em 1972. Também no início, José Marques da Silva escreveu *Diário de um Candango*; mas só publicou esse livro em 1963, no Rio de Janeiro. Garcia de Paiva foi, conforme afirma Fábio Lucas, o primeiro ficcionista a fazer de Brasília cenário de ação romanesca, com a novela *Luana*, aqui escrita em 1960 e publicada em 1962, em São Paulo. De sorte que a primeira obra literária editada na Nova Capital foi a antologia *Poetas de Brasília*, 1962, Editora Dom Bosco, organizada por Joanyr de Oliveira.”

Joanyr, com Elza Caravana e Izidoro Soler Guelman, publicaria pela Horizonte, em 1967, os contos de *O Horizonte e as Setas* (particpei no livro com três trabalhos, um dos quais, “Mulher de Santo”, parcialmente ambientado em Brasília, escrevi-o no Rio, em meados de 1960, nas vésperas de conhecer a nova capital...). Elza publicaria em 1969 o didático *História da Literatura*, para o curso que mantinha com o marido, Guelman; e este, em 1971, lançaria, pela Ebrasa, o romance *A Fome dos Rebanhos*. Ézio Pires reuniria em 1978, no seu *Depoimento Literário*, matérias publicadas em jornal em meados da década anterior. Outros escritores aqui presentes na primeira hora serão nomeados no capítulo reservado à ANE – Associação Nacional de Escritores.

Romances passados em Brasília, ocorrem-me, além do de Guelman, *O Rosto Perdido*, de Almeida Fischer, cuja 1ª edição é de 1970 (Ebrasa), *O Ventre da Baleia*, de Esdras do Nascimento (Rio, Nórdica, 1980), *O Jogo da Gata-Parida* e *Rendez-Vous no Itamaraty*, ambos de Luiz Gutemberg (Nórdica, 1987 e 1989); e a novela *Tocata e Fuga*, de Luiz Adolfo Pinheiro (Thesaurus, 1991).

Não me parece justo deixar sem menção a volumosa literatura oficial, em que sempre se pode respigar alguma página de valor literário (até porque escritores do melhor nível lhe têm emprestado sua pena). Homenageio-a no emblemático texto do fundador, datado de 2 de outubro de 1956:

“Deste planalto central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais, lanço os olhos sobre o amanhã do meu país e antevejo esta alvorada com fé

inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino.”

Almeida Fischer

Governado, em mais de uma oportunidade, por escritores (Cristovam Buarque, José Aparecido), a escritores do porte de um Darcy Ribeiro, por exemplo, deve o Distrito Federal instituições como a sua Universidade. De todos os que aportaram a Brasília nos seus verdes anos, alguns, pela magnitude da sua atuação, mereceriam registro à parte. À míngua de espaço, fazemo-los representar na pessoa desse grande congregador que, a vida inteira, se enxergou e se portou, essencialmente, como um homem de letras: Almeida Fischer.

Paulista de Piracicaba, quando aqui chegou, em 1960, vindo do Rio de Janeiro, Fischer era já bastante conhecido: fora secretário do prestigioso *Letras e Arte* e tinha publicados *Horizontes Noturnos*, *O Homem de Duas Cabeças*, *A Ilha e Outros Contos*; acresceria a sua obra contística de *Nova Luz ao Longe*, *10 Contos Escolhidos* e *Memorial de Inverno*, abrindo novos caminhos com o romance *O Rosto Perdido*, os seis volumes de crítica literária de *O Áspero Ofício*, a novela *De Repente a Primavera* e diversos inéditos. Além de escritor, professor, jornalista, Fischer criou ou dirigiu diversos suplementos literários e foi

extraordinário semeador de cultura. Deve-se-lhe a organização da antologia *Contistas de Brasília*, a primeira do gênero entre nós. Em torno de sua pessoa cristalizaram-se a Associação Nacional de Escritores (ANE), a Academia Brasiliense de Letras e a Academia de Letras do Brasil, tendo tido, ain-



...da terra seca, na estiagem de agosto, os ipês derramam as suas flores brancas, amarelas e roxas sobre a aridez do cerrado sedento de chuva...

da, papel de relevo na criação da Associação Profissional dos Escritores do Distrito Federal, passo exigido para a constituição do sindicato, em que afinal se transformou.

A ANE – Outras Entidades

Decana das instituições de cultura de Brasília, a Associação Nacional de Escritores tem já uma história. Nasceu no dia 21 de abril de 1963, na Livraria Dom Bosco, de Francisco Scartezini Filho. Figuravam entre os fundadores nomes de expressão nacional como Cyro dos Anjos, Mauritônio Meira, Sousa Neto, Pompeu de Sousa, Alphonsus de Guimaraens Filho, Hécio Martins, A. Fonseca Pimentel, Nelson Omega, Aderbal Jurema, Corsíndio Monteiro da Silva, Victor Nunes Leal, Afonso Felix de Sousa, Carlos Castello Branco, Christiano Martins, Cândido Motta Filho, Gerardo Mello Mourão e dois escritores paulistas que visitavam Brasília, Helena Silveira e Paulo Duarte; outros cresceriam com a cidade: José Augusto Guerra, Santiago Naud, Mário Teles, Rui Mourão, José Hélder de Souza, Aluizio Valle, Pedro Luiz Masi, Jair Gramacho, Lina del Peloso, Joanyr de Oliveira, Ézio Pires, João Emílio Falcão, Edson Nery da Fonseca, Romeu Jobim, Astrid Cabral. Dentre os escritores que se filiaram posteriormente, lembramos Eugênio Gomes, Samuel Rawet, Zila Mamede, João Alexandre Barbosa, Yone Rodrigues, Hermes Lima, Cora Coralina, Plínio Salgado, Cassiano Nunes, Adriano da Gama Kury, Sylvio Elia, Pereira Lira, Roberto Lyra Filho, José Godoy Garcia, Ernani Sátyro, Luiz Beltrão, Adalício Nogueira, Oscar Mendes, Dinah Silveira de Queiroz, Aliomar Baleeiro, Alberto da Costa e Silva, Nataniel Dantas, José Louzeiro, Yolanda Jordão, Fritz Teixeira de Salles, Antônio Girão Barroso, Waldemar Lopes, H. Dobal, Jesus Barros Boquady, Branca Bakaj, João Ferreira, José Geraldo, Herberto Sales, Heitor Martins, Bernardo Élis, Antonio Roberval Miketen, Luiz Berto, Antônio Campos, Viriato Gaspar, Alaor Barbosa, José Aparecido de Oliveira, Márcio Cotrim, Cleonice Rainho, Adão Ventura Artur da Távola, Patrícia Bins. O



...que cai e traz consigo o frio, diante da nossa frieza e indiferença pelo corpo ainda criança jogado sobre o cimento da Rodoviária. Viro o rosto...

número de associados ascende, hoje, a 236. Dos escritores mais conhecidos, muito poucos, arredios, restam fora de seus quadros.

As atividades da Associação têm compreendido, sobretudo: realização de concursos, seminários e conferências; representações, leituras de poesia e prosa; organização de encontros de escritores e de edições; intervenções diversas em questões de interesse social e cultural; colaboração com outras entidades literárias. Goza, hoje, de situação ímpar entre essas, não só por sua relativa ancianidade, mas também pela excepcionalidade de uma condigna sede própria.

Merece um parêntese a história da luta pela sede, quase tão longa quanto a da própria ANE. Na gestão do Prefeito Plínio Cantanhede, obteve esta, em doação, um terreno privilegiadamente situado junto ao Instituto de Cultura Hispânica, defronte à Escola Normal e ao Colégio Elefante Branco. Sua não-edificação, por absoluta falta de recursos da entidade, levou a Terracap a tentar retomá-lo. Em juízo, os sócios e advogados Antonio Carlos

Osorio e Henriques do Cerro Azul asseguraram a propriedade definitiva; em 1996, mercê dos esforços das diretorias presididas por Alan Viggiano, Napoleão Valadares e Danilo Gomes, é concluído o Edifício Escritor Almeida Fischer (SEPS 707/907, Lote F, CEP 70390-078), a partir do qual se espera para a Associação o advento de sua idade de ouro, superados os problemas de mera subsistência material que afligem a quase generalidade das associações culturais.

De seu seio surgiram as Academias Brasiliense e do Brasil, o Sindicato dos Escritores e o Clube de Poesia, depois Clube de Poesia e Crítica, instituído por iniciativa de Waldemar Lopes e Domingos Carvalho da Silva.

Não são essas, porém, as únicas agremiações literárias de Brasília, que tem sido terra fértil para a semente acadêmica. Temos, além das mencionadas, a Academia de Letras de Brasília, a Academia Taguatinguense de Letras, a Academia de Letras do Distrito Federal e ainda mais, além de outras instituições literárias de variada especificidade.



... e vejo belo e majestoso o Teatro Nacional. Tal qual uma pirâmide egípcia, explode em manifestações de genialidades por dentro e por fora. Um palco para a cidade...

Fora do âmbito de qualquer agremiação têm trabalhado escritores de tendências as mais díspares, podendo-se mencionar os auto-intitulados marginais e os da chamada Geração Mimeógrafo.

Creio caber menção a dois movimentos culturais de massa. O primeiro, surgido em 1973 – ainda no período ditatorial –, foi a FAC (Festa de Arte e Cultura), movimento “ecumênico, seguindo as linhas de uma democracia utópica”, segundo o poeta Fernando Mendes Vianna, seu deflagrador. Embora não tendo prosperado, credita-se-lhe o mérito de reunir centenas de intelectuais e artistas em torno de um ambicioso projeto cultural, com tantas coordenadorias quantos os setores implicados – poesia, teatro, música, dança, artes plásticas, cinema. O projeto parece ter sido retomado pelo CUCA (Movimento Candango de Dinamização Cultural), idéia de um grupo de alunos da UnB, que envolveu a comunidade numa espécie de mutirão cultural de ampla abertura. Sobre a FAC, veja-se entrevista de Fernando Mendes Vianna a Danilo Gomes, no primeiro volume de seu *Escritores Brasileiros ao Vivo* (Co-

municação/INL, Belo Horizonte/Brasília, 1979); acerca de um e outro movimento, *A Educação pela Arte*, de Maria de Souza Duarte (Thesaurus, 1983, págs. 130 e 137).

As Antologias

Listar os livros importantes de autores radicados em Brasília, editados aqui ou alhures, transformaria este artigo num vasto boletim bibliográfico. Em vez disso, creio preferível dar o pulso da literatura brasiliense, por intermédio das antologias que aqui se têm produzido. As duas primeiras foram as de Joanyr de Oliveira (poesia) e de Almeida Fischer (conto), respectivamente de 1962 e 1965, já citadas. Joanyr ampliaria o seu trabalho na *Antologia dos Poetas de Brasília*, edição da Coordenada, de 1971, e ainda nos daria *Brasília na Poesia Brasileira* (INL/Cátedra, Brasília/Rio, 1982).

Outras antologias poéticas viriam: *Em Canto Cerrado*, de Salomão Sousa (Coordenada, 1977); *Águas Emendadas* (Thesaurus, 1977); *20 Porretas* (s/e, s/d); *Mutirão* (Brasília, 1985). Depois, uma de longo título: *Nem Madeira nem Ferro Podem Fazer Cativo Quem na Aventura Vive*, de Santiago Naud (Thesaurus, 1986). E mais: *Planalto em Poesia*, de Napoleão Valadares (Thesaurus, 1987); *Diamante para Amantes* (Thesaurus, 1988); *Capital Poems* (Thesaurus, 1989); *Grito, Logo*

Existo (Revista Literatura, 1992); *Caminhos de Integração*, organizada por Sofia Vivo (Thesaurus, 1993); *Caliandra: Poesia em Brasília* (André Quicé, 1995). Não exclusivamente brasiliense é *Alma Gentil: Novos Sonetos de Amor*, organizada por Nilto Maciel (Códice, 1994). Editada em São Paulo (Abril, 1982), tem também interesse para este panorama *Poesia Jovem – Anos 70*, de Heloísa Buarque de Hollanda e Carlos Alberto Messeder Pereira.

Em prosa: *Conto Candango*, de Salomão Sousa (Coordenada, 1980); *Horas Vagas*, 2 vols., de Manoel Vilela de Magalhães, João Emílio Falcão e Joanyr de Oliveira (Comitê de Imprensa do Senado Federal, 1981); *Contos Correntes*, de Napoleão Valadares (Thesaurus, 1988); *Cronistas de Brasília*, de Aglaia Souza (André Quicé, 1995).

Há, é certo, outras coletâneas, em prosa e em verso, como as promovidas pelo Sindicato dos Escritores e pelo dos Professores; mas, não podendo enumerá-las à exaustão, encerro a lista com as mais recentes, *Brasília: Vida em Poesia* (Valci Gráfica e Editora, 1996) e *Mais Uns: Coletivo de Poetas* (1997), preparadas por Ronaldo Alves Mousinho e Menezes y Moraes, respectivamente. Trabalhos de maior fôlego e melhor representatividade são *Poesia de Brasília*, de Joanyr de Oliveira, e *A Literatura Brasiliense*, de Wilson Pereira, à espera de impressão.

Imprensa Literária – Revistas

Minguado hoje – a bem dizer, nulo –, foi relevante o papel da imprensa para o desenvolvimento literário da cidade. Além de uma atenção maior dada ao noticiário de fatos culturais, reservavam páginas às letras, entre outros, os seguintes jornais: *Crítica e Diário do Brasil*, pelas mãos de Sousa Neto e Almeida Fischer; *Correio Brasileiro* (manteve um grande suplemento literário, a cargo de Hugo Auler e José Hélder de Souza); *Diário de Brasília*, cujo suplemento *Enfoque*, de Almeida Fischer, durou de 1972 a 1976; *Jornal de Brasília*; *BSB Brasil*, de-



pois *BsB Diário*, cujo suplemento *Letras*, também criado por Fischer, passou a ser dirigido, após o seu falecimento, pelo poeta João Carlos Taveira. Coisas do passado. Algumas publicações oficiais dedicadas à cultura têm surgido, infelizmente de vida curta ou sem periodicidade definida. Incrementam-se, praticamente sós, os boletins da ANE e do Sindicato dos Escritores no Distrito Federal.

Dentre as revistas, recordamos o suplemento de *Destaque*, a cargo de Walter Belo Galvão; *Mbaecuaba*, de D'Almeida Vitor; *Bric-à-Brac*, de Luís Turiba; *Lavras*, de Murilo Moreira Veras; *Cultura*, do MEC, e *Brasília*, do GDF. Circula desde 1976, em âmbito nacional, a *Revista de Poesia e Crítica*, de Domingos Carvalho da Silva; sobrevivem as da Academia Brasileira de Letras, da Academia de Letras de Brasília e de algumas outras agremiações; o *DF Letras*, da Câmara Legislativa, e *Literatura*, editada por Nilto Maciel, Emanuel Medeiros Vieira e João Carlos Taveira. Está no prelo a da Academia de Letras do Brasil, número inaugural. *Cerrados*, do Curso de Pós-Graduação em Literatura, com a colaboração simultânea ou sucessiva de Carlos Alberto Abel, Flávio Kothe, Henryk Siewierski e Ronaldo de Melo e Souza, realiza um pouco da desejada integração da UnB com a cidade. A mais recente é *A Cultura das Cidades*, fundada por Alan Viggiano e ora no terceiro número.

...que protesta, com funks, punks, bitúniks e desempregados, passageiros de um mesmo milênio, de uma mesma canção. Da próxima vez que você vier a Brasília nós vamos lhe dar uma flor do cerrado.. (Sorry, Caetano)

O Sentido de Brasília

Da farta literatura preconizadora da interiorização da Capital extraem-se argumentos de variada natureza em prol da medida. Caíram em obsolescência os de cunho estritamente estratégico-militar. Permanecem válidos, todavia, os demais argumentos, como os invocados por José Bonifácio, para quem uma capital no centro do País favorecerá a unidade nacional, o desenvolvimento do interior e a absorção de mão-de-obra desempregada (*apud* Adirson Vasconcelos, *A Mudança da Capital*, Brasília, 1978, págs. 33 e 34).

Menos objetivos, decerto, mas não menos nobres do que os visionários que a quiseram, profetizaram ou apregoaram, são os poetas que têm saudado a criação de Brasília. Talvez André Malraux tenha sintetizado o sentido que lhe atribuem os poetas ao cunhar para ela esta expressão: Capital da Esperança.

Cassiano Ricardo canta uma "Toada pra se Ir a Brasília" em livro publicado no ano da inauguração (*Montanha Russa*, Cultrix, São Paulo, 1960):

"Vou-me embora pra Brasília,
sol nascido em chão agreste.
Como quem vai para uma ilha.
A esperança mora a oeste.

Vou-me embora pra Brasília
por determinação celeste.

....."

Guilherme de Almeida, na "Prece Natalícia a Brasília", escrita para a inauguração, chama-a "Caminho que vem do Passado e vai para o Futuro", "o Centro da Cruz Tempo-Espaço", tomando a cruz de seu traçado como um símbolo místico ("porque és Cruz, és Fé") e como um símbolo de seu papel de integração.

Vinicius de Moraes, no poema para a *Sinfonia da Alvorada* (música de Tom Jobim), toca uma nota humanística, vislumbrando, na moderna conquista e povoamento do Planalto Central, não a cobiça do ouro e do diamante que moveram as antigas bandeiras, mas o propósito "do trabalho em paz".

Resumamos. Brasília tem o múltiplo sentido de marcha para o Oeste – melhor dizendo: para os quatro ventos da rosa, ou da cruz de Guilherme de Almeida –, de conquista do nosso próprio território, de integração nacional e de integração latino-americana. Acima de tudo – e isto globaliza as metas – contempla por alvo final a criação de uma sociedade justa e fraterna. Cabe-nos ousar e obstinarmos na luta por que se concretize aqui "a terra prometida, onde correrá leite e mel".

DEPRESSÃO

□ Afonso Ligório Pires de Carvalho

Vou para a sala ler o jornal. Termino me perdendo nos classificados. Nos fúnebres passo a vista. Primeiro olho os sinais: cruz ou estrela? Depois me restrinjo aos nomes, na ânsia de encontrar um conhecido.

— Ricardo. Ricardo!

Ouço a mulher me chamar. Finjo dormir e sinto suas mãos deslizarem pelos meus cabelos. Abro os olhos e digo:

— Oi!

Ela sorri e sai do quarto, para os afazeres domésticos.

Levanto-me, meio sem vontade. Olho-me no espelho. A barba está crescida. Pego a toalha e o barbeador. No trajeto para o banheiro um desânimo me abate. Minutos depois, retorno ao quarto com o rosto apenas lavado.

Vou para a sala ler o jornal. Não consigo. Termino me perdendo nos classificados, que não tolero. Parece que todo o mundo precisa vender alguma coisa para sobreviver: "Vestido de noiva — vende-se manequim 38, preço de oca-



sião". Ou "uma pistola Luger, 7.65". Ou "lindas roupas íntimas, de pouco uso". Leio ainda o anúncio do solteirão tímido, de 39 anos, que deseja conhecer uma mulher desquitada para relacionamento íntimo."... Nos fúnebres passo a vista. Primeiro olho os sinais: cruz ou estrela? Depois me restrinjo aos nomes, na ânsia de encontrar um conhecido. Relembrar a pessoa, lamentar... De repente, noto uma mudança na posição dos móveis e dos quadros. Isso me desorienta, me

irrita, sem que eu saiba o porquê. É o suficiente para me deixar mal-humorado pelo resto do dia.

Sou assim, tenso, tentando segurar a minha irracionalidade carregada de emoção. Hoje estou num desses dias turvos. Apático, a melancolia persiste desde cedo. Com ela as reflexões, como farpas de culpa, num processo desgastante e doloroso. Absoluta ausência de vontade. Sinto



medo. É a depressão.

Conheço-a bem. Ela surge de mansinho, silenciosa. Depois, apodera-se do meu corpo, inevitavelmente. Então fico vulnerável. Às vezes estranho quando tarda, mas, ao percebê-la, já estou emaranhado, sem saída, a não ser pelos pensamentos confusos, mórbidos, que pouco ajudam.

É um fenômeno inato, programado, inevitável. Assim, nada limita meu desespero. A dor difusa que rapidamente se propala talvez seja um refúgio. A ela me entrego em busca de mim. Daí querer estar sempre só, para não dividir as minhas angústias. Isso me força a distinguir as pessoas em dois grupos: as amigas e as estranhas. As amigas me entediam. No entanto, me fazem falta, mas definitivamente não desejo conviver com elas. Odeio estranhos.

Penso muito na morte. Solução? Não. Mas para abreviar o fim certo. E a coragem? — pergunto-me, sem resposta.

O pensamento, assim, vem, desaparece e retorna em ondas cíclicas. Levo, às vezes, horas inúteis a pensar em nada, obcecado pelo mistério. Só o silêncio alimenta um repouso aparente que vez por outra parece me afogar. A monotonia me leva a um mundo acústico inexplorado. Nele consigo distinguir sons distantes, sutis, que me chegam sem mensagem. Essa neutralidade me agrada. Cultivo-a. Vozes humanas que vêm de longe, indecodificáveis, me acalantam. Bem como o ressoar áspero dos metais, como um protesto. É quando me sinto protegido, na solidão.

Sem vontade, pego o chapéu, com ímpeto de sair. Antes de cruzar a soleira da porta perco-me em indagações vazias, sem motivo, que me maltratam. Fora da minha solidão todos os ruídos me ferem. A simples brisa da manhã me incomoda como a um cão hidrófobo. É quando prefiro meu quarto, luz apagada e eu comigo mesmo,



vagando em meus pensamentos tumultuados, protegendo-me do mundo.

— Está sentindo alguma coisa? — pergunta a mulher, que me observa de longe, depois de ir até a porta comigo. Aborrecem-me esses cuidados solidários. Respondo apenas com um olhar de soslaio, código de convivência que ela compreende.

No jardim, olho o chão, na dúvida de sair. Fixo, sem querer, um formigueiro. O movimento desordenado das formigas me atrai. Não sei por quê. Talvez pela fantasia antropomórfica que sugerem. As formigas sempre me fascinaram.

Fico de cócoras para apreciar melhor. Vejo que todo o formigueiro trabalha sem individualismo. Nenhum desses pequeninos seres está preocupado egoisticamente. Formigas não pensam — concluo. Elas formam uma associação tão variada e evoluída que parece estar à cabeça das sociedades animais. São castas com estrita divi-

são de tarefas. Seres adaptados, com aptidões. Bobagem. Não gostaria de ser formiga. Mesmo que elas não sofram de depressão. As formigas não têm depressão, no entanto só vivem pouco menos de um trimestre. Por que, nesse espaço de tempo, se especializam tanto, como se a vida fosse tão longa?

Penso na insegurança de uma formiguinha operária em um jardim como este, à mercê dos predadores, e até da minha vontade mórbida. Sim, nesse instante sou para elas um predador em potencial, terrível.

Um mirmecófago! Posso matá-las todas. Basta folear formicida. Não. Não, decididamente não. Não farei isso. Afasto o pensamento. As formigas continuam indiferentes à minha presença, usufruindo os seus dias de vida, no trabalho arquitetônico de construir o cone das suas moradas. Sem cessar, buscam areia no fundo do buraco para armar pacientemente aquelas paredes frágeis.

Novamente sou tomado pela vontade de pisar o formigueiro, entupido de cascalho à minha volta. Suas vidas, agora, dependem de mim. Reflito mais uma vez. Para que atormentar 80 mil seres tão distantes de mim? Penso em bomba. Os humanos estão sempre predispostos a reagir com ódio, um ódio irracional, embora sem razão ou motivo. Será inato ou cultural? Percebo que me desviei do objetivo. Sair.

Olho o céu, não por fé. As nuvens estão mais claras. A claridade me irrita. Desisto. Volto ao quarto para novamente ficar só, com meus pensamentos, minhas dores que recomeçam. Antes de dar duas voltas à chave penso em ordenar à mulher que não permita a ninguém, ninguém mesmo, inclusive ela, me incomodar.

Na verdade, apenas recomendo mansamente:

— Não me chame, por favor.

Ela responde, indiferente:

— Está na hora do almoço!

São os meus hábitos...

ARISTÓTELES

nas terras do sem fim

□ Carlos Alberto dos Santos Abel

Na tragédia, o homem deve aceitar a responsabilidade dos seus atos e suas conseqüências, a despeito dos motivos e da sua incapacidade em controlar as forças que regulam a vida. O homem trágico escolhe seus passos e atos, e suporta a responsabilidade pelos mesmos. Virgílio vai ao encontro da morte, mesmo podendo evitá-la.

Jorge Amado nasceu em Ferradas, município de Itabuna, zona do cacau. No registro civil, é arrolado no de Ilhéus.

O pai, João Amado, sergipano de Estância, começou a vida como caixeiro de armazém. Juntou dinheiro e, em 1902, vai para Ilhéus e torna-se fazendeiro até 1914, quando a cheia do rio Cachoeira levou tudo o que tinha. De 1914 a 1918, foi tamanqueiro, tendo como auxiliar a esposa D. Eulália Leal Amado, sertaneja baiana de Amargosa.

João Amado era persistente, juntou economia e comprou terras. Progrediu.

Esse é o "a priori" do escritor Jorge Amado: a instabilidade dos negócios do cacau, a história dos "coronéis". O demiurgo tem dois irmãos: James, também escritor, e Joelson, médico.



tas mortes nas costas, muita indignidade, levantara a capela de Ferradas, a igreja de Tabocas, duas vezes vereador em Ilhéus, grão-mestre da maçonaria.

Sinhô, longa barba negra, repugnava-lhe o correr do sangue, mas não deixava de executar os que lhe criassem problemas. Veio de fora, o irmão

Juca fora criado entre os cacauzeiros, foi escolhido pelo pai para tomar conta dos irmãos, das roças e fê-los ricos, imponente nos seus dois metros de altura.

Um viera de baixo, o outro já começara no meio do caminho, como proprietário. Ambos, com mortes mandadas. Sinhô mais escrupuloso, mas, nem por isso, menos matador.

O Sequeiro Grande tinha um protetor, uma figura mágica, o ne-

I – Terras do sem fim

O drama gira em torno da posse das matas do Sequeiro Grande. Oponentes: Cel. Horácio da Silveira, da fazenda Bom Nome, de Ferradas, chefe político opositorista e Sinhô Badaró, da fazenda Sant'Ana da Alegria, chefe situacionista.

Horácio, cerca de cinquenta anos, rosto picado de bexiga, fechado, soturno, mãos calosas de quem por muito tempo manejava o chicote, quando era tropeiro de burros, empregado de roça e, afinal, com a repetição, conquistador de terras. Mui-



gro feiticeiro Jeremias.

O nó do romance é a tocaia ineficaz ordenada por Sinhô Badaró contra Firmo, homem de Horácio, e que se negara a vender sua roça.

O Dr. Virgílio Cabral, advogado, prepara um caxixe para Horácio. O bacharel torna-se amante de Ester, mulher de Horácio.

Contra o caxixe, a reação dos Badaró: o Cel. Teodoro das Baraúnas incendeia o cartório da fraude.

Na luta pelo Sequeiro, Horácio leva vantagem, era mais rico. Sinhô Badaró é obrigado a procurar os exportadores.

As tocaias são numerosas. O processo movido por Horácio é obstruído pela política situacionista. Contudo o avanço sobre o Sequeiro continuava.

Horácio pega tifo, cura-se pela ação prestimosa da esposa e pela sua natureza forte e sem vícios. Porém a tragédia abate-se sobre Ester – morre contaminada pelo marido.

A violência torna-se mais aguda com a morte de Juca Badaró, irmão de Sinhô. Mas aparecia um novo elemento: a situação política mudara, Horácio tornara-se situação. O governo federal decreta intervenção na Bahia, no dia 10 de janeiro de 1912. Assume a presidência José Joaquim Seabra.

Com a mudança da situação política, Zude, Irmão & Cia, os exportadores, mudaram de comportamento com

os Badaró... Necessitado de dinheiro, Sinhô Badaró propõe a venda da safra vindoura... Desinteresse... Propuseram "finalmente comprar o cacau mas com uma garantia hipotecária". Sinhô vendeu a safra, para uns suíços, por preços miseráveis.

Sinhô Badaró parte para a carnificina, Horácio responde definitivamente, inclusive queimando a casa grande do antagonista. Sinhô ferido recolhe-se a Ilhéus; Don'Ana, sua filha, luta até o fim como homem, mas é poupada por Horácio.

Horácio é processado pela morte de Juca. Absolvido por unanimidade.

II – A descoberta

Tragicamente, Horácio descobre que Virgílio era amante de Ester. Virgílio é eliminado.

Essa "terra adubada com sangue" prospera. Ilhéus eleva-se à categoria de bispado; Tabocas passa a município, com o nome de Itabuna. Os cacauieiros do Sequeiro Grande mostraram que os coronéis estavam certos na luta pela sua conquista;

"Cinco anos demoravam os cacauieiros a dar os primeiros frutos. Mas aqueles que foram plantados sobre a terra de Sequeiro Grande enfloraram no fim do terceiro ano e produziram no quarto /.../. Nas-

ciam frutos enormes, as árvores carregadas desde os troncos até os mais altos galhos, cocos de tamanho nunca visto antes, a melhor terra do mundo para o plantio do cacau, aquela terra adubada com sangue".²

O romance tem como tema a luta pelas terras incultas do Sequeiro Grande. Mas o que me chama a atenção nessa história é o fator humano, os embates causados pelo ciúme – o triângulo amoroso: o coronel Horácio; sua esposa Ester e o advogado Virgílio.

"O reconhecimento, como o nome indica, faz passar da ignorância ao conhecimento, mudando a amizade em ódio ou inversamente nas pessoas voltadas à felicidade ou ao infortúnio".³

O Cel. Horácio encontra cartas trocadas por Virgílio e Ester (quando a esposa já havia falecido) e descobre que eram amantes. Resolve matar o advogado.

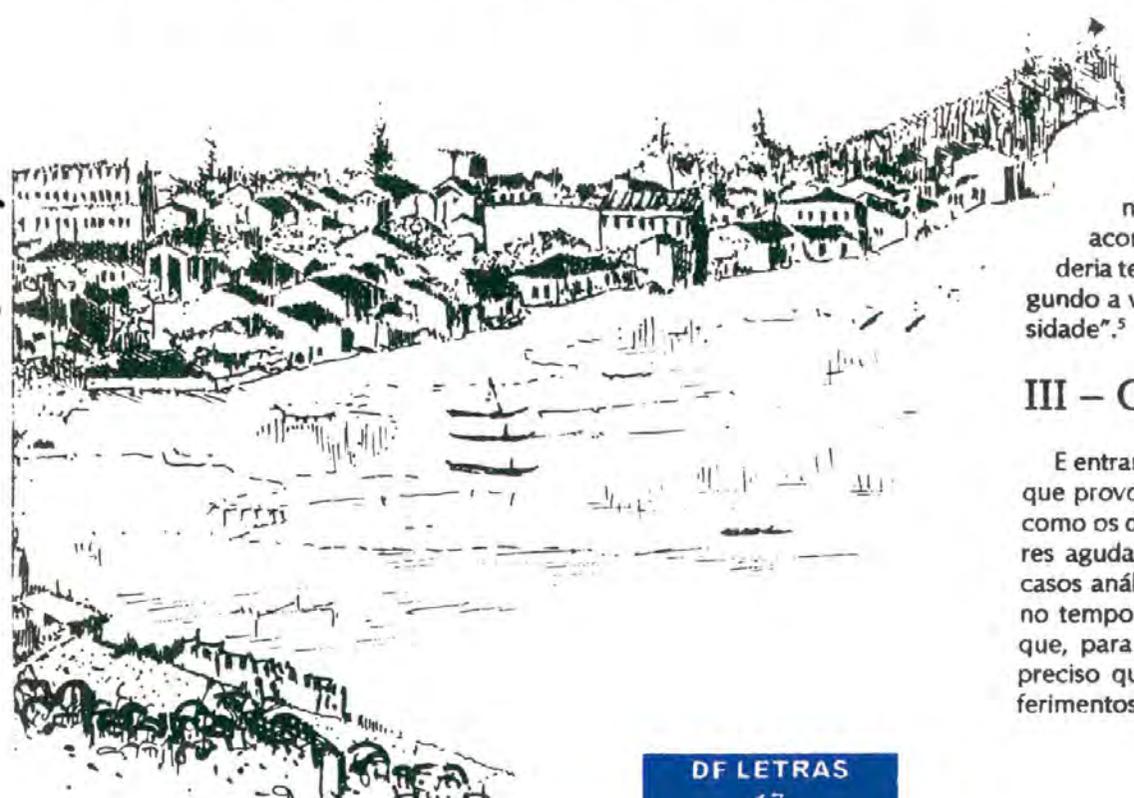
Na tragédia, a

"parte mais importante é a organização dos fatos, pois a tragédia é a imitação, não dos homens, mas de ações, da vida, da felicidade e da infelicidade (pois a infelicidade resulta sempre da atividade), sendo o fim que se pretende alcançar o resultado de uma certa maneira de agir, e não de uma maneira de ser".⁴

.....
não compete ao poeta narrar exatamente o que aconteceu; mas sim o que poderia ter acontecido, o possível, segundo a verossimilhança ou a necessidade".⁵

III – O patético

E entramos no patético, "uma ação que provoca a morte ou sofrimento, como os das mortes em cena, das dores agudas, dos ferimentos e outros casos análogos".⁶ Segundo Corneille, no tempo de Aristóteles, pensava-se que, para emocionar fortemente, é preciso que haja grandes desgraças, ferimentos e mortes em cena.



"Para que uma fábula seja bela, é portanto necessário que ela se proponha um fim único e não duplo, como alguns pretendem; ela deve oferecer a mudança, não da infelicidade para a felicidade, mas, pelo contrário, da felicidade para o infortúnio, e isto não em consequência da perversidade do personagem, mas por causa de algum erro grave, como indicamos, visto o personagem ser antes melhor que pior".⁷

Ester morre, punida indiretamente pelo marido, pois contrai o tifo de que ele era portador.

Virgílio é assassinado a mando do marido enganado.

IV – A compaixão

E o sentimento de compaixão? Quando o acontecimento infausto acontece entre pessoas "unidas por afeição, por exemplo, quando um irmão mata o irmão, ou um filho o pai, ou a mãe o filho, ou um filho à mãe, ou está prestes a cometer esse crime ou outro idêntico, casos como estes são os que devem ser discutidos".⁸

O romance de Jorge Amado segue esse roteiro, pois Virgílio e Horácio eram amigos quase fraternos.

V – Os caracteres

Quanto aos caracteres, Aristóteles faz uma colocação que, hoje, tem todo o ranço do preconceito: repetindo, falando do bom caráter, que é bom se a escolha for boa, esta "bondade é possível em cada classe de pessoas, pois a mulher, do mesmo modo que o escravo, pode possuir esta boa qualidade, embora a mulher seja um ente relativamente inferior e o escravo um ente totalmente vil".⁹

VI – O personagem trágico

Quanto ao condicionante filosófico que permeia a tragédia, podemos di-



zer que Virgílio é um personagem trágico. Apesar de Maneca Dantas, coronelão, amigo do marido e do amante, dizer-lhe que Horácio decidira eliminá-lo, Virgílio

"falava sem parar. Por que não ia embora? Por que queria estar ali perto de Horácio, ajudando o coronel nos negócios? Ali tudo lhe lembrava Ester, a morte dela o prendera ali para sempre /.../ Estava preso pela lembrança dela, o corpo que estava no cemitério, a sua presença que estava em toda parte, no palacete de Ilhéus, na casa do Dr. Jessé, ali em Tabocas, na fazenda, em Horácio, principalmente em Horácio...".¹⁰

"Morrer não lhe importa, o triste é viver sem Ester. O coronel compreende? Que lhe importa viver?"¹¹

"- Vou hoje a Ferradas... Se ti-

ver tempo morrerei como manda a lei daqui, a lei do cacau, levando um comigo... Não é assim mesmo?"¹²

Na tragédia, o homem deve aceitar a responsabilidade dos seus atos e suas consequências, a despeito dos motivos e da sua incapacidade em controlar as forças que regulam a vida. O homem trágico escolhe seus passos e atos, e suporta a responsabilidade pelos mesmos.

Virgílio vai ao encontro da morte, mesmo podendo evitá-la.

VII- A tragédia e seu efeito

Aristóteles, quando se refere às qualidades da fábula em relação às personagens, chama a atenção dos demiurgos acerca dos meios que devem "ser utilizados para que a tragédia surta seu efeito máximo".

Para ele, a mais bela tragédia é "aquela cujos fatos, por ela imitados, são capazes de excitar o temor e a compaixão". E dá a fórmula:

"Em primeiro lugar, é óbvio não ser conveniente mostrar pessoas de bem passando da felicidade ao infortúnio (pois tal pintura produz, não temor e compaixão, mas impressão desagradável); nem homens maus passando do crime à prosperidade (de todos os resultados, este é o mais oposto ao trágico, pois, faltando-lhe todos os requisitos para tal efeito, não inspira nenhum dos sentimentos naturais ao homem, nem compaixão, nem temor); nem um homem completamente perverso deve tombar da felicidade no infortúnio (tal situação pode suscitar em nós um sentimento de humanidade, mas sem provocar compaixão nem temor)".¹³

O problema da justiça poética está presente na literatura, desde Homero, nos trágicos gregos, em Shakespeare

e na tragédia moderna. Toda obra literária encerra uma relação com a idéia da justiça. A idéia da justiça está relacionada com o senso moral, com a razão, com o caráter, com a noção do bem e do mal, com a idéia de culpa.

Com a queda, a hamartia, a culpa resultante de um ato mau do homem, desencadeia-se a justiça poética. Culpa e justiça se interpenetram, assim como punição e perdão.

No romance *Terras do sem fim*, há essa justiça poética? Os bons são aquinhoados e os maus são punidos? Não, o que temos é uma luta sem tréguas onde vence o mais forte, sem que nenhum dos dois seja menos cruel e criminoso.

VIII – A vitória do realismo

O que sentimos na leitura do romance *Terras do sem fim*? O escritor tem uma simpatia especial pelos coronéis do cacau... podemos dizer até um respeito reverencioso. O homem é o filho do homem, Jorge Amado é filho de João Amado, um cidadão que começou a vida como caixeiro

de armazém e terminou como dono de terra. Jorge Amado é filho de fazendeiro. Nele vemos a consecução das palavras de Engels: a vitória do realismo. Ele, como Balzac, como escritor, defendeu e defende uma classe que não é a sua.

IX – As crenças

Jorge Amado assistiu à luta dos coronéis com os exportadores de cacau. Sabe, como ex-marxista, que isto é um avanço. De uma prática feudal, entramos na era do capitalismo.

São Jorge dos Ilhéus, uma outra obra-prima, continua a saga do cacau. E Jorge afirma:

"Nesses dois livros – *Terras do sem fim* e *São Jorge dos Ilhéus* – tentei fixar, com imparcialidade e paixão, o drama da economia

cacaueira, a conquista da terra pelos coronéis feudais do princípio do século, a passagem da terra para as mãos ávidas dos exportadores nos dias de ontem. E se o drama da conquista feudal é épico e o da conquista imperialista é apenas mesquinho, não cabe a culpa ao romancista. Diz Joaquim que a etapa que está por vir será plena de heroísmo, beleza e poesia, e eu o creio!"

Em *Terras do sem fim*, Sinhô Badaró já sentira a força dos exportadores. Penou nas mãos de Zude, Irmãos & Cia., acabando nas de uns suíços, vendendo a safra vindoura por um preço vil. Já em *São Jorge dos Ilhéus*, Carlos Zude, diretor da firma exportadora citada, propõe aos exportadores uma estratégia de rapina que deu certo: tornaram-se os donos dos cacaueiros. Elevaram os preços, deram aos coronéis a ilusão de uma falsa prosperidade e aí derrubaram a cotação do cacau, apossando-se de tudo.

Romanticamente, não dialeticamente, Jorge Amado vê o épico na conquista feudal e o mesquinho na conquista imperialista. Pensa que a próxima etapa será "plena de heroísmo, beleza e poesia, e eu o creio!" Será que essa sua crença, na época, era no socialismo, como o próximo salto?

Quando Jorge Amado procura dar esse toque mítico aos Badaró, aos Horácio, lembro de uma entrevista recente do grande escritor onde ele descreve as relações dos camponeses e dos donos do cacau como se fosse uma ligação plena de compreensão e amizade. A dor da fome independe de quem a produz, se aos Zude ou aos Badaró, mesmo que assim não o compreenda nosso romancista.

Ele crê, e eu, como Graciliano Ramos, descreio também, porque a característica básica do capitalismo brasileiro é a imobilidade social. E, quando fazem de conta que mudam, mudam para ficar a mesma coisa.

Carlos Alberto dos Santos Abel é professor de Literatura Brasileira na Universidade de Brasília.

Notas Bibliográficas

- 1 AMADO, Jorge. *Terras do sem fim*. São Paulo, Martins, 1942.
- 2 AMADO, p. 288.
- 3 ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. São Paulo, Divisão Européia do Livro, 1959. p. 290.
- 4 *Id., ib.*, p. 280.
- 5 *Id., ib.*, p. 286.
- 6 *Id., ib.*, p. 291.
- 7 ARISTÓTELES, *op. cit.*, p. 294.
- 8 *Id., ib.*, p. 296.
- 9 *Id., ib.*, p. 299.
- 10 AMADO, *op. cit.*, p. 280-1.
- 11 *Id., ib.*, p. 282.
- 12 *Id., ib.*, p. 282.
- 13 ARISTÓTELES, *op. cit.*, p. 293.



A mulher me xinga, retruca que se ela, em vez de velha gorda, fosse uma dessas jovens bonitas que saem peladas nas capas da Playboy, a conversa seria outra. Eu não consigo me conter, pro inferno, sua velha chata!



□ **Adriano Aragão**

Você viu só, Ulisses? Essa mulher é maluca. Agora cismou que devo financiar o concerto de um vazamento no banheiro do apartamento dela. E o que eu tenho com isso? Nem a conheço direito. Somos vizinhos mas é só. Naturalmente tento ser educado, digo apenas que não possuo o dinheiro que ela quer, aliás eu não tenho dinheiro algum, nem mesmo para as compras no supermercado, se tivesse grana estaria comendo um suculento bife

com fritas, em vez de arroz com ovo frito. Saía de casa nos intervalos do romance para uns copos de chope com os amigos, coisa que não faço faz quase dois meses: quando preciso sair, nem ônibus pego mais, ando a pé, para poder economizar alguns trocados. Mas a mulher não me ouve. Não acredita em nada do que eu digo. E fala que viu uma foto minha no jornal, diz que sou alguém muito importante, porque os jornais não se ocupam de gente que não tem dinheiro, que não é importante. Eu lhe digo, mas minha senhora não sou tão importante assim, nem mesmo sei se sou importante, sou apenas um escritor e escritor marginal, de segundo ou terceiro time, e meus livros não vendem tanto, não são best-sellers, veja o meu primeiro livro: publicado há coisa de cinco anos, ainda tenho quase toda a edição encalhada, jogada num canto do quarto. A mulher me xinga, retruca que se ela, em vez de velha gorda, fosse uma dessas jovens bonitas que saem

**Você é
testemunha,
Ulisses**

peladas nas capas da Playboy, a conversa seria outra. Eu não consigo me conter, pro inferno, sua velha chata!

Sabe, Ulisses? Não gosto quando você me olha desse jeito, faz esse ar de reprovação. Sei exatamente o que você está pensando. Se eu não tivesse pedido demissão do jornal não estaríamos, os dois, enfrentando dificuldades financeiras, não teriam cortado o telefone e a luz, nem estaríamos sendo ameaçados de despejo do apartamento. Talvez você esteja certo. Mas você me conhece, sabe que para mim dinheiro no bolso não é tudo. A literatura é o que mais importa sobre todas as coisas. Como disse o poeta: "Navegar é preciso, viver não é preciso". Depois eu precisava de tempo livre para escrever o romance, e após um dia de intenso trabalho na redação chegava em casa cansado, não conseguia escrever coisa alguma que prestasse.

O que foi agora, Ulisses? Não estou entendendo você. Você é testemunha, quando comecei a escrever o romance eu contava com o dinheiro aplicado na poupança. As coisas ficaram pior depois que o Governo bloqueou o dinheiro de todo mundo nos bancos. Concordo, tenho pago um preço muito alto. Perdi a mulher e o filho. Só me restou você, meu escudeiro. Me lembro das últimas palavras dela: "Chega de sofrimento. Cansei de ser mulher de escritor. Vou pra casa de meus pais. De lá só volto quando você desistir dessa loucura de querer ser escritor e arranjar um emprego decente". Você já imaginou, Ulisses, o que significa para um homem ter de abandonar o que ele mais gosta, que é fazer literatura? É, Ulisses, a literatura nos impõe duros sacrifícios. Mas a Alice não foi sempre assim. No começo, ela parecia orgulhosa de ter casado com um escritor, me dava o maior

incentivo. Ultimamente já não suportava ouvi-la dizer que literatura é coisa de desocupado, de quem não tem responsabilidade com a família, vive na mesa de bar bebendo com outros escritores.

Escrever é coisa de doido. Um estigma. Publicar? É uma zonzera. Sobretudo para o escritor novo, desconhecido do grande público. O editor lê os originais, acha bom o texto, mas diz que não dá para publicar. O negócio deles é faturar, publicar apenas best-seller. Uma dureza, Ulisses. Não basta ter talento, o jovem escritor precisa também de muita sorte. Um exemplo? Tenho vários. Mas vou te



contar apenas o de um escritor, bom escritor, talentoso escritor, mas que ainda não vingou. Você conhece o escritor, hoje ele não é tão jovem assim, tem mais de 40 anos, é do signo de Câncer. Chama-se Drumond Amorim. Pois bem. Há vinte anos, ele publicou o seu primeiro livro. Era uma história desesperada que falava de amor, escrita em primeira versão aos dezoito anos. Saiu com prefácio de Jorge Amado. E o que aconteceu? Absolutamente nada. Me lembro do que ele disse: "Eu imaginava que fosse eletrizar a platéia com o romance. Mas, para começar, não

tinha a menor idéia do que fazer com a pilha de livros que recebi em casa. Aí joguei tudo em cima da cama e rolei, comovido, satisfeito, quase realizado. Já podia morrer em paz. Depois, meus cinco leitores me deram parabéns pelo prefácio de Jorge Amado. E continuei inédito".

Você deve estar dizendo que é preciso ir à luta. E ele foi a mais de uma. Entrou em concursos, ganhou vários prêmios. Me lembro de um que ele recebeu a grana em dólar. O livro saiu publicado por uma editora do Sul. O que aconteceu depois? Nada. Ou quase nada. Ninguém disse nada, ninguém falou nada. Nem mesmo para xingar o livro, esculhambar o escritor. Sacanagem!

Agora, Ulisses, que eu publico, publico. Nem que seja em mimeógrafo. Quando atingirei o outro lado? Não sei. Nunca se sabe. A viagem é arriscada. A tormenta, os vendavais, as ondas. De repente, ao aportar do outro lado, podemos sucumbir. Isto também acontece.

Ulisses enrosca-se na minha perna, os seus olhos ganham um brilho intenso que há muito eu não via. Faça-lhe um afago, ele responde com um melancólico miado, agüenta firme, meu fiel companheiro. Foram dois anos muito duros,

para todo mundo. Sobretudo depois que o dinheiro acabou. Teve hora que eu me vi perdido, pensei que não ia conseguir. Eu falei pra você, lembra? Mas finalmente terminei o romance, Ulisses. As coisas agora vão mudar, meu amigo. Não é entusiasmo besta, infantil, não. Vou lhe revelar uma coisa que mantive em segredo. Desta vez já tenho editor interessado em publicar o romance. E promete me dar na entrega do texto uma boa grana de direitos autorais. Parece que desta vez acertei, Ulisses. Consegui escrever um puta romance.

Narrativas poéticas

□ Nilto Maciel

Wilson Pereira tem o domínio das técnicas de narrar. Seus personagens são acabados, desenhados, embora os “meninos” sejam sempre meninos, sem grande distinção entre uns e outros, como se todos eles fossem uma criança chamada Wilson.

Histórias para crianças e para adultos. Sim, há limites separando umas de outras. Porém esses limites se tornam imperceptíveis para o leitor adulto mais ou menos familiarizado com a boa literatura que lê uma dessas narrativas para crianças e não sente necessidade de a rotular de “história infantil”.

Os estudiosos costumam chamar de “literatura infantil” e “literatura infanto-juvenil” as obras menores. No entanto, as obras maiores eles não as chamam de “literatura adulta”. Talvez pudessemos inventar outros rótulos, como “literatura madura” e “literatura idosa”. Uma seria destinada às pessoas entre 30 e 60 anos, mais ou menos. Outra, às pessoas da chamada “terceira idade”. Denominação também adequada a esta última categoria seria “literatura senil”.

Alguns escritores (sobretudo narradores) têm se dedicado a escrever para crianças. São escritores infantis e, ao mesmo tempo, senis. Porém, há alguns anos, pessoas como Jonathan Swift escreveram com enorme criatividade, e suas obras foram e serão lidas, sempre com muito prazer, por crianças, jovens e adultos.

Escritores infantis são aqueles que estão aprendendo a escrever. Os senis são os que nunca aprenderam a escrever.

O poeta Wilson Pereira é também autor do belo livro de narrativas “*Amor de Menina*”. Segundo os especialistas em Literatura, trata-se de obra da Literatura Infantil. São histórias de meninos e animais. Ou somente de animais, como a do jericó e da onça, que é uma anedota escrita em linguagem trabalhada e poética. Aliás, o livro todo traz essa linguagem dos bons escritores, dos escritores sem idade definida, mas que nunca chegam à senilidade mental.

Wilson Pereira tem o domínio das técnicas de narrar. Seus personagens

são acabados, desenhados, embora os “meninos” sejam sempre meninos, sem grande distinção entre uns e outros, como se todos eles fossem uma criança chamada Wilson. “Ser menino era mesmo muito bom.” (p. 16).

Tudo nas curtas narrativas de “*Amor de Menina*” é passado, é infância, é poesia. Não há miséria social, embora haja dor e morte. Há medo, há os sentimentos comuns a todos nós humanos e, sobretudo, a nós meninos. A poesia da infância. Não poesia infantil, que poesia pueril não chega a ser poesia.

Curiosamente, não há diálogos em nenhuma das histórias do livro. Assim, a linguagem se mantém limpa, trabalhada. Caso Wilson tivesse optado pela utilização do discurso direto, reproduzindo o linguajar rural e infantil, certamente a linguagem não teria a beleza que tem.

O ambiente rural brasileiro, especificamente mineiro, é pintado no livro com riqueza de detalhes: “Manhãzinha fria de inverno. O capim, molhado de orvalho, estava verde-grisalho.” (p. 22). As situações são sempre reais e, ao mesmo tempo, de sonho, fantasia. O mundo da criança ou o mundo dos bichos segundo a criança. Daí alguns contos de flagrantes, às vezes episódios de memórias, quase crônicas, como “*Arengas*”.

As ilustrações de Denise Rochael se casam maravilhosamente aos textos de Wilson Pereira. O traço é primitivo, as cores apropriadas às narrativas e a perspectiva foge à técnica mais tradicional.

As histórias de “*Amor de Menina*” são de fácil leitura para crianças, embora não sejam nada infantis, pueris, inacabadas. Pelo contrário, são narrativas de um escritor amadurecido, bom, apto a outras realizações literárias.

Nilto Maciel é contista e romancista.

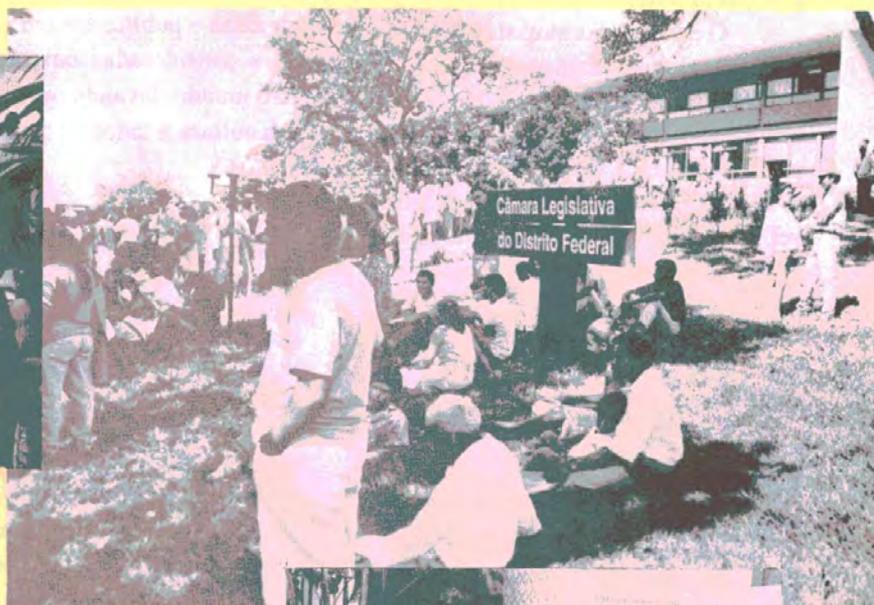
DF

CÂMARA LEGISLATIVA

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL - ENCARTE DA DF LETRAS

Ano I nº 02

A nossa casa...



N

estes sete anos de funcionamento, a Câmara Legislativa do Distrito Federal é a caixa de ressonância da nossa sociedade. Nos momentos de protestos ou descontentamentos, é aqui que a população vem extravasar os seus sentimentos.

Os deputados distritais são os legítimos representantes da cidade, Capital da Esperança, onde as novas gerações já exercem desde cedo o mandato da cidadania.





Estima-se que, em 1997, para cada mil crianças nascidas no Brasil, uma terá anemia falciforme. Dentre estas, 25% morrerão por falta de assistência médica antes de completar 5 anos de idade. Para evitar estes índices assustadores, a deputada Lucia Carvalho (PT) apresentou projeto de lei que institui o Programa de Prevenção e Assistência Integral às pessoas portadoras de anemia falciforme.

O exame laboratorial que detecta a hemoglobina custa apenas R\$ 4,00 e deverá ser realizado em todos os recém-nascidos nas maternidades da rede pública de saúde do Distrito Federal. A anemia falciforme é um mal incurável e hereditário que atinge principalmente as pessoas de origem negra.

**Lucia Carvalho
(PT)**



Academia Brasileira de Letras completa, neste ano, 100 anos de criação. Sem dúvida, é este um marco histórico, levando-se em conta, principalmente, o fato de ser o Brasil um país tão jovem. E é com orgulho que nós, brasileiros, participamos dessas comemorações, marcando uma posição cada vez mais forte no restrito e exigente mercado internacional de literatura. Muitas de nossas obras já são traduzidas e publicadas em várias línguas e consideradas *best sellers* em todo o mundo, levando nossas raízes e nossa cultura a todos os cantos do planeta.

**Zé Ramalho
(PDT)**



Duas leis do deputado Daniel Marques estão contribuindo para a valorização dos movimentos culturais no Distrito Federal. Elas enriquecem o calendário oficial de eventos do DF incluindo nele mais dois espetáculos populares. A primeira, a Lei nº 1.383/97 e a segunda, a Lei nº 1.513/97, fazem da Festa do Bumba-Meu-Boi, de Sobradinho, e da Folia de Reis eventos oficiais do DF. O GDF deverá destinar, anualmente, recursos necessários à montagem e à realização dos espetáculos. A Folia de Reis surgiu em Planaltina para lembrar a peregrinação dos Reis Magos à manjedoura do menino Jesus.

**Daniel Marques
(PMDB)**



O movimento cultural do Distrito Federal deve ficar mais atento quando da votação da Lei Orçamentária do Distrito Federal, buscando, nesta ocasião, assegurar os recursos necessários à produção artística brasileira.

Os artistas poderiam, através do Conselho de Cultura, definir suas prioridades e convencer os parlamentares a garantir a reserva de recursos orçamentários que possam torná-la exequível. A arte feita em Brasília está acima de partidos políticos e de vaidades eleitorais.

**César Lacerda
(PTB)**



Vivemos um novo momento na sociedade brasileira de conscientização sobre a riqueza da diversidade étnica e a necessidade de que todos os segmentos sociais tenham acesso à representação simbólica nos meios de comunicação. Já é lei um projeto de autoria coletiva que visa garantir participação igualitária dos diferentes grupos étnicos na publicidade. Como uma das mais afamadas riquezas da cultura brasileira, a diversidade deve ser exercida no dia-a-dia da publicidade como um dos instrumentos de construção da auto-estima de um povo. Não se pode perpetuar uma situação de monopólio de espaços para um determinado grupo étnico.

**Eurípedes Camargo
(PT)**



Afalta de informações sobre determinados segmentos culturais e a deturpação da imagem de alguns movimentos artísticos alternativos deram aos jovens uma saída: a publicação de revistas, fotocopiadas para difundir e divulgar suas idéias, pensamentos, bandas preferidas, poesias, músicas e HQ. O popular FANZINE, uma revista de fã, ganhou o mundo com a explosão e a rebeldia do movimento punk. Em Brasília, como em toda cidade culturalmente ativa do mundo, existem muitos "fanzineiros" com projetos ambiciosos, como o "Pétalas da Carne", em fase de conclusão.

**Antônio Cafu
(PT)**



A Festa dos Estados foi tão bem assimilada pela população local, que até hoje faz parte do calendário turístico da cidade. É com base

nesse modelo de evento cultural que deu certo que apresentei recentemente projeto de lei complementar, sugerindo a criação de Centros de Tradições Regionais, dentro do Parque da Cidade, num local que seria chamado de Praça dos Estados. Minha intenção é manter viva na memória de quem mora aqui suas raízes, representadas em exposições, na comercialização de comidas, vestuário, música e artesanatos típicos das várias regiões do País.

Peniel Pacheco
(PSDB)



Envelhecer é um fato natural. O difícil no Brasil é envelhecer com dignidade. Na Câmara Legislativa venho lutando para ampliar um trabalho que desenvolvo há 17 anos no Lar dos Velhinhos: dar dignidade aos idosos. Algumas leis de minha autoria têm contribuído para diminuir um pouco as dificuldades enfrentadas pelos mais velhos. Mas é preciso que essas leis sejam colocadas em prática. Que cumpram a verdadeira destinação para a qual foram criadas. É necessário, para isso, revolucionar a concepção de cada pessoa sobre a condição do idoso.

Jorge Cauhy
(PMDB)



O deputado Luiz Estevão, presidente da Fundação Comunidade, informou que a homenagem especial do 5º Prêmio Luiz Estevão de Cultura, pelo conjunto da obra, será a professora e flautista Odette Ernst Dias.

A instrumentista será o tema principal da já tradicional festa de entrega das estatuetas aos melhores da cultura brasiliense, prevista para o próximo dia 9 de dezembro. O Prêmio Luiz Estevão de Cultura distribui R\$ 25 mil em prêmios e elege os melhores artistas em cinema, vídeo, literatura, teatro, dança, pintura, escultura, música clássica e popular.

Luiz Estevão
(PMDB)



Nos dias 11 e 12 de setembro o meu gabinete realizou, no auditório do Correio Brasiliense, o seminário "Escrever Vale a Pena?". No encontro, os

escritores, professores, pesquisadores, estudantes, gráficos e distribuidores puderam debater os problemas da literatura brasiliense. Chegaram a algumas conclusões, como, por exemplo, a necessidade de as autoridades governamentais criarem políticas de incentivo à leitura. Também consideraram urgente o desenvolvimento de projetos de apoio na distribuição e venda de livros que não possuem apelo comercial. Na minha explanação lembrei que a literatura está cada vez mais afastada das escolas e da população.

Geraldo Magela
(PT)



Apresentei, no ano passado, projeto de lei que cria os núcleos de dinamização e pesquisa para atender estudantes portadores de habilidades especiais, talento e superdotação em todas as regionais de ensino. Para tornar pública a discussão e elaborar diretrizes para bem aproveitar esses dons, o meu gabinete promoveu recentemente o I Encontro Distrital sobre Altas Habilidades, Talento e Superdotação - Um Enfoque do DF no Campo de Políticas Públicas e Setoriais.

Acredito que a partir do encontro e da aprovação do projeto será possível elaborar políticas públicas para o setor, com o objetivo de enfatizar as habilidades especiais como fatores de transformação sócio-cultural.

Wasny de Roure
(PT)



A dança, uma das grandes expressões da arte e da cultura dos povos, é possível para um portador de deficiência motora? É, e Brasília tem até uma companhia dedicada a esta área. Trata-se da *Cia. 100 Habilidades*, que esteve recentemente nos EUA, na cidade de Oberlin, Ohio, se aperfeiçoando com um dos maiores especialistas no assunto, o dançarino e sociólogo Bruce Curtis, que é tetraplégico. O grupo brasiliense destacou-se entre outras companhias internacionais. A *Cia. 100 Habilidades* é formada por Elizabeth Maia e Mariano Pedroza, dançarinos e terapeutas, e pelos dançarinos Giullyane Bittencourt, Andson Freitas e Márcio Freitas, os três portadores de deficiência.

Benício Tavares
(PTB)



Quero deixar registrado o lançamento do livro "Reminiscências Soltas... (e até líricas) de um Candango", do italiano que virou candango Ugo Buresti. O livro é uma aula dinâmica sobre a construção de Brasília, que foi acompanhada de perto por Ugo Buresti. Ele desembarcou por aqui em 1957 e, por força de suas atividades profissionais, conviveu diretamente com a construção e o crescimento da cidade. Como diz Rubens Pinto na apresentação do "Reminiscências Soltas...", no livro, Brasília é tratada com o carinho do criador para com a criatura.

**Manoel de Andrade
(PMDB)**



Tenho apresentado propostas, na Câmara Legislativa, de criação de centros ou pólos culturais em diversas cidades-satélites do Distrito Federal. Assim foi feito para Taguatinga, Samambaia, Paranoá, Brazlândia, Santa Maria e São Sebastião.

É que acredito que a arte, como o artista, "tem que ir aonde o povo está". As oportunidades de desenvolvimento nas artes, e na cultura de modo geral, têm que ser democratizadas e popularizadas. Têm que estar acessíveis também aos mais humildes e carentes, pois estes encontrarão na cultura meios para vencer os obstáculos que a vida lhes impôs.

**José Edmar Cordeiro
(PMDB)**



Tenho contribuído de forma decisiva para o incremento da cultura no Distrito Federal, apresentando proposições e criando mecanismos que levem à comunidade a oportunidade de desenvolvimento das atividades artísticas e culturais da comunidade brasiliense. Um exemplo concreto foi a aprovação do Projeto de Lei nº 1.406/96, de minha autoria, que destina área para implantação definitiva da Biblioteca Pública e Casa de Cultura do Cruzeiro, que serão dotadas de espaços para literatura, teatro, música, dança e artes plásticas.

**Odilon Aires
(PMDB)**



A leitura diária de jornais já é realidade na rede pública de ensino do Distrito Federal. O Programa de Leitura de Jornais e/ou Periódicos em Salas de Aula, proposto por lei de minha autoria, está atingindo o seu objetivo, que é o de não só fazer o aluno ler o jornal, mas também interpretar as informações nele contidas.

Pesquisas indicam que o contato com a informação estimula o hábito de leitura e melhora o desempenho dos estudantes nos testes de leitura, redação e conhecimentos gerais.

**Cláudio Monteiro
(PPS)**



A Festa do Divino, que anualmente reúne um grande número de fiéis em Brazlândia, bateu, este ano, um recorde de presença. O comparecimento maciço da população ao último Pousa da Folia, que nos últimos anos vem sendo realizado na Chácara D. Maritana, é certamente resultado da nossa luta para que essa tradicional festa popular e religiosa não desapareça do calendário no Planalto Central, como já aconteceu em outras regiões brasileiras. Brazlândia e Planaltina estão entre as poucas cidades da região onde a Folia do Divino se mantém viva.

**Edimar Pireneus
(PMDB)**



Foi aprovado na CCJ da Câmara Legislativa, o Projeto de Lei nº 2.373/96, de autoria do deputado Xavier, que dispõe sobre a instituição de reservas particulares de relevante interesse ecológico e cultural, por destinação do proprietário, no Distrito Federal.

O projeto objetiva contribuir para que a população do DF tenha um ambiente ecologicamente equilibrado e sadio, indo ao encontro de vários preceitos estabelecidos no capítulo do meio ambiente da Lei Orgânica do DF.

**Adão Xavier
(PPB)**

GAROPABA

meu amor

Pela primeira vez ele sorri e seu sorriso é grande e belo. Os olhos azuis brilham.

Encontrara Marta. Já não são três horas da tarde. Ajudam Cristo a carregar a cruz. O fel vem antes. Assume-se a solidão, as dores todas. "Garopaba, Garopaba".

Ela nunca veio a Garopaba!

□ Emanuel Medeiros Vieira

Lucas chegou a Garopaba na Semana Santa. Em busca de Marta, e, talvez, de algumas coisas mais. A encenação da Paixão estava marcada para Sexta-Feira Santa. Vinha de São Paulo por alguns dias, sozinho, mochila nas costas.

Do relato de Lucas para Sérgio, o amigo que estava longe: "Reencontrar Garopaba, o mar, a aldeia de pescadores. Olhei a igreja. O azul. Não reconheci Garopaba, não me reconheci. Lembra, rapaz, que fomos dos primeiros 'civilizados' a descobrir a aldeia dos pescadores? Barbudos, queimados, muita vitalidade. Lembras? Primeiro foi o espanto dos pescadores, depois a alegria. Ah, a hospitalidade. Hoje? O primitivismo? Ah. Altos preços, novo hotel, turistas, *hippies*, homens gordos, automóveis com descargas abertas".

Caminhou de ponta a ponta da praia. Da igreja até o outro extremo, pés no mar. Crianças correndo, barracas, cabeludos, máquinas fotográficas. Lucas mergulha e nada. "Marta, Marta". Era outra a Garopaba que procurava. Penetra no interior da pequena cidade. As casa novas. O sol forte. O velho Hotel Lobo onde estivera com Marta no inverno. Estaria Marta no Hotel? Nenhuma especificação para o



encontro. Apenas: "Garopaba". Crianças pedem esmolas. Quinta-Feira Santa. Rapazes e moças vão chegando, de carona, a pé; vêm turistas com carros finos. Lucas toma a primeira pinga. "Marta". Abre a mochila, come pão e banana. Tenta encontrar a casa de madeira do pescador Lino, onde havia ficado na primeira vez, com Sérgio.

A Paixão no adro da igreja.

Lucas percorre novamente o mesmo caminho, olha para todos os lados, em barracos e casinhas para e pergun-



ta por Marta: "Não conhecemos". *Hippies* dançam na praia com túnicas. Homens gordos batem fotos. *Boys* desfilam com descargas abertas. Loiras passeiam com biquínis escassos. Lucas continua subindo depois da igreja em busca da grama em que havia acampado com Sérgio. (Na grama, latas de salsicha, garrafas vazias, cascas de laranja e banana.) Outros *hippies* dançam na outra praia, olhos vidrados.

Do relato de Lucas: "Ah, antes, agora, Garopaba. Não é bem saudade, Sérgio. É uma coisa mais fundamental, vital mesmo. O corpo. Entendes, não é? Esses meninos ou esses gordos bem sucedidos não sabem das coisas. Não me reconheço nestes gestos todos. Antes era antes, bem antes, longe de 1968. Não me vejo, eu próprio, nesta Garopaba revisitada, 'de ontem e de hoje', ah, Fernando Pessoa. O que são essas danças feéricas, falsamente felizes? Esses olhos vidrados? Ou os turistas não vêem nada, coração cartão-postal de ondas batendo na praia. Levanto os olhos e vejo o azul.

Alguém vira uma moça com o nome de Marta dançando na praia ou pescando nas pedras. Lá foi Lucas, na praia, nas pedras. Não encontra nada. Outro a vira numa barraca na entrada da cidade. Ou bebendo na noite anterior com amigos na frente da igreja.

Lucas está exausto. Volta à praia. Bebe outras canas. Imagina Marta dentro das águas, num barco, iluminada pelo sol. Olha firme para o mar, alguns minutos. Olhos bem abertos, cansado de todos os gestos. Agora, tenta enxergar Marta, que vem sorridente, e o acorda devagarinho.

— "Eu vi e acho que era essa moça que o senhor procura, rezando na igreja."

— "Andando sozinha ontem à noite pela praia".

(Um repórter entrevistava um pescador que se sofisticava. O fotógrafo pedia-lhe poses. Os peixes eram vendidos mais caro e até as barracas dos pescadores eram alugadas por preços exorbitantes.)

Do relato de Lucas: "Tento ver no rosto dos pescadores o rosto dos nossos amigos de outrora. A gente, (lembras?) comia peixe com eles, bebendo pinga, cantando e contando estórias. Revisito Garopaba e é inútil." No começo da noite Lucas reiniciou a busca. Busca de Marta. Doíam as pernas e o rosto estava queimado do sol. Pe-

gou o caminho da praia, voltou, sobe as escadarias da igreja. As barracas iluminadas com lampião. "Uma Marta de olhos azuis, nem alta nem baixa. Não, não, de olhos verdes. Cabelo curto, calça *lee*? Acho que está parando no Hotel Lobo". Lucas, cansado, deita na grama ao lado da igreja; faz da japona um travesseiro, olha a lua e pensa em Marta. "Nunca vimos essa moça na praia", dizia depois um pescador. "Chegou antes do Natal?" "No começo do ano?" A Última Ceia, São Pedro, Judas, noite de quinta-feira. No outro dia. Começa a Paixão. Cristo traído. "Marta, onde estás?" Um beijo. O Horto das Oliveiras. Lucas olha a lua, pensa em Marta, outro beijo. Os pescadores tomam os seus papéis. Ao redor, sentam-se os assistentes. 14h30. Vem Judas, beija Cristo. Seu rosto, pensa Lucas, se entristece. Ele assume o sofrimento, a carga enorme. "Marta, Marta, onde estás?" Não O Conheço, diz Pedro. Escárnio, a cruz, Nossa Senhora é mãe. A coroa de espinhos. O choro da mãe. "Marta, eu te espero". Lucas toma um gole de pinga, perto da árvore. Cristo: dão-lhe fel. E o Pilatos lava as mãos. Marta não chega, mas algum rosto está no centro ou no meio da Paixão e olha Lucas. Marta, Nossa Senhora, Cristo? Pela primeira vez ele sorri e seu sorriso é grande e belo. Os olhos azuis brilham. Encontrara Marta. Já não são três horas da tarde. Ajudam Cristo a carregar a cruz. O fel vem antes. Assume-se a solidão, as dores todas. A Mãe olha. Os sacrifícios já não pesam dentro do peito. "Garopaba, Garopaba". Judas se harmoniza também. "Marta, azul, vermelha, branca." Para Lucas ela se ilumina mais.

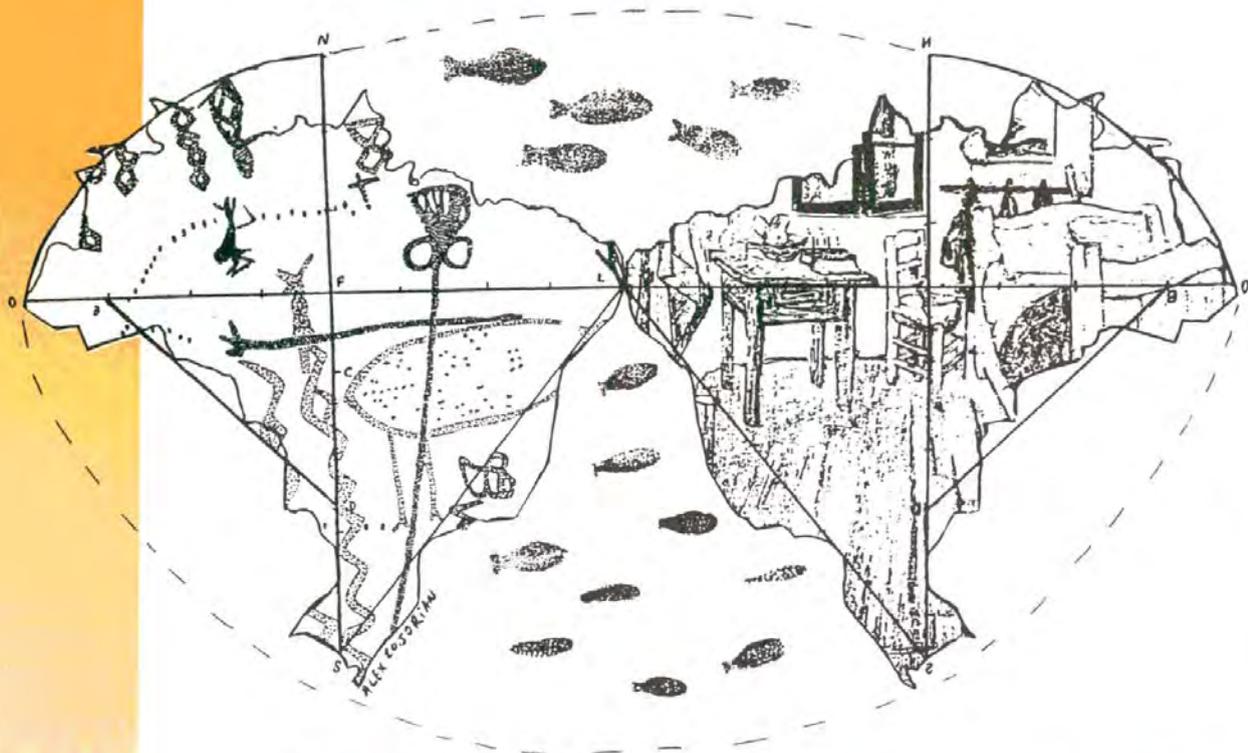
— "Essa moça foi embora ontem de manhã", diz a mulher do pescador.

— "Ela nunca veio a Garopaba", fala o pescador.

Em Garopaba o céu é muito forte. Não tropeja quando o Cristo é colocado na cruz. Não importam os outros, os *hippies*, os turistas, os *boys*. "Isso passa", pensa Lucas. "Pai, perdoai-lhes..." O cálice não é azul. Lucas olha o Cristo morto e se levanta. Calmo.

Conto extraído de "A Expição de Jeruza" (Editora Movimento, Porto Alegre, 1972)

Emanuel Medeiros Vieira é escritor catarinense, radicado em Brasília há 19 anos, com 13 livros publicados. É detentor de vários prêmios literários.



Na procura de resultados específicos, os pintores do passado lograram encontrar muitas vezes as fórmulas de produtos químicos bem diversos daqueles pretendidos, razão pela qual deveriam trabalhar em segredo, para não despertar suspeitas, principalmente no longo período da Inquisição.

Brasil perde as divisas coloridas

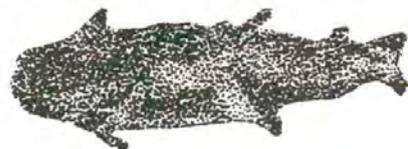
□ **Josélia Costandrade**

O Brasil poderia ser um dos maiores fabricantes de tintas se fossem realizadas pesquisas e fosse dada a devida atenção ao imenso potencial de matérias-primas que foram utilizadas desde a pré-história até a atualidade.

Os sítios arqueológicos existentes em várias regiões brasileiras atestam o grau de conhecimento dos artistas do passado, não apenas em relação ao seu poder criativo, mas também no domínio de

uma tecnologia que logrou deixar para as gerações subseqüentes o testemunho da vida, cultura e costumes, muitos dos quais remontam a mais de 25 mil anos, como é o caso das pinturas parietais da Serra da Capivara, no sul do Piauí. Os testes de "carbono 14", realizados pela Missão Franco-Brasileira, têm provado o conhecimento dos materiais que resistiram a todo tipo de intempéries, em gerações sucessivas de povoações, antes da chegada dos colonizadores portugueses ao nosso País. De um modo geral, as pinturas rupestres da pré-história, tanto as de Lascaux, na França, Altamira, na Espanha, Alvorada do Norte, a poucos quilômetros de Brasília, Sete Cidades e Serra da Capivara, no Piauí das culturas pré-colombianas brasileiras, foram executadas com pigmentos de origem mineral, animal e vegetal, tendo como aglutinantes o sangue e a gordura dos animais.

O processo que cercou a manufatura das tintas durante os séculos em que a pré-história brasileira se desenvolveu, seria, em outros países, a base sobre a qual foram sustentados os refinamentos de uma alquimia em que os metais e outros ingredientes, através de combinações altamente sofisticadas



lograram atingir seu ponto máximo. Desde a Antiguidade Clássica, os pintores possuíam suas "cozinhas", verdadeiros laboratórios alquímicos, onde as receitas das tintas eram mantidas sob absoluto segredo. Como não existisse uma indústria, cada artista deveria conhecer e desenvolver as fórmulas, herdadas dos milênios em que a História da Arte se estruturou em épocas e estilos diferenciados. Dar continuidade ao processo de refinamento de cada pigmento ou cor era uma questão de sobrevivência de cada artista em particular, que mantinha os aprendizes em seus estúdios, no intuito de iniciá-los no sofisticado procedimento de fabricação manual das tintas. Isso explica a existência de tintas com nomes de grandes mestres, como é o caso do "Bruno Van Dyck", do "Azul Rembrandt", que foram amplamente utilizadas pelos dois mestres; a primeira é uma cor perigosa, porque absorve os outros pigmentos, e a segunda, uma coloração propiciadora de esplêndidos resultados óticos.

Na procura de resultados específicos, os pintores do passado lograram encontrar muitas vezes as fórmulas de produtos químicos bem diversos daqueles pretendidos, razão pela qual deveriam trabalhar em segredo, para não despertar suspeitas infundadas sobre o motivo real de suas especulações científicas e isso mais precisamente durante o longo período da Inquisição.

Riquezas desperdiçadas

Apenas na segunda metade do século XIX surgiria a indústria de tintas, como a conhecemos atualmente; isso até auxilia no reconhecimento e na restauração de obras de arte. O Brasil, que sempre foi um produtor em potencial das matérias-primas, passou a integrar o novo circuito da fórmula revolucionária do branco de titânio, que mistura óxido de zinco a 40 por cento e



óxido de titânio, a 60 por cento. Este, que é o mais esplendoroso e brilhante de todos os brancos (de zinco, de prata e de chumbo), não está presente nas pinturas dos mestres renascentistas, nem dos posteriores, até praticamente o

advento da arte moderna.

Grandes quantidades de óxido de titânio têm sido contrabandeadas do Brasil, sem que as autoridades tomem conhecimento do fato. O

óxido de titânio faz companhia ao óxido de ferro, existente em grande quantidade em todo o Brasil; este pigmento, conhecido desde a pré-história, é a base de cores essenciais para a pintura, como o amarelo de Nápoles, amarelo ocre, as terras de Siena natural e queimada, assim como as várias tonalidades de vermelhos – do francês ao da China e de Veneza. Cada tonalidade depende fundamentalmente do grau de calcinação ao qual o pigmento é submetido.

Em termos de pigmentos vegetais, que proporcionam as tintas à base de água, como a aquarela e o guache, o Brasil, tendo a maior reserva florestal do mundo, está perdendo tempo e dinheiro, além de ficar do lado oposto das realizações culturais. Mesmo as tintas industriais pesadas, para pinturas de parede, poderiam ser fonte de renda importantes em nossa balança

comercial, se os cartéis internacionais, juntamente com o descaso dos governantes, não atuassem tão prontamente. O óleo de mamona, tradicionalmente o solvente ideal para as tintas a óleo industriais, foi importado pela Itália (do Egito) na época do fascismo, para servir como castigo aos desafetos do regime. Mamona, planta nativa do Brasil, poderia ser um produto capaz de gerar incentivos milionários, desde que transformada em latas de tintas à base de óleo.

Portinari, em seus murais na ONU, decanta "Guerra e paz" enfatizando as cores brasileiras; não temos conhecimento, no entanto, se o notável artista utilizou suas próprias misturas alquímicas naquele depoimento monumental, onde os azuis buscam encontrar o infinito, os verdes decantam as imensas extensões de nossas reservas florestais, sem ameaças de lutas, e os vermelhos aludem à paixão de viver livremente, buscando a integração telúrica através da harmonia com a natureza. Todas aquelas tintas poderiam ter sido fabricadas no Brasil, com os ingredientes nobres existentes à flor da terra (os óxidos) e na flora (flores, folhas e talos), seguindo a longa tradição iniciada há milhares de anos, lapidada pelos séculos de estudos e observações, em ateliês de mestres iluminados e consagrados.



Que rumo está tomando a pesquisa em nosso país?

□ Maria Luiza Roque

Trata-se de uma posição em defesa da cultura clássica, segundo ressalta a autora da resenha crítica. Entendemos que a discussão é válida e a nossa tribuna adequada para este tipo de debate. Portanto, ficamos limitados apenas aos aspectos acadêmicos da obra citada, no campo do conhecimento, sem quaisquer objetivos de cunho pessoal.

Há algum tempo atrás a Editora da UnB publicou um livro de autoria de Janete Melasso Garcia, intitulado *Introdução à teoria e prática do latim*. Há alguns dias atrás, um ex-aluno pediu-me que o examinasse. Resolvi atender seu pedido e iniciar a leitura do referido livro. Questionei-me, então, como pôde tal trabalho contar com o apoio do CNPq/PIBIC/UnB e ter sido editado pela própria Editora da UnB. Durante muito tempo silencieei a respeito das deficiências do Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernácula, onde trabalhei, porque sabia que eu era uma "vox clamantis in deserto" e não iria encontrar eco. Con-

tudo, agora que li a publicação em pauta, não poderia deixar de tornar pública minha opinião a seu respeito porque tenho a obrigação de defender não só a cultura clássica, mas também os alunos que vêm utilizando tal livro em seus estudos de latim. Esta "obra", por incrível que pareça, já está na segunda edição "revista". Imagino, então, como foi a primeira! E eu me pergunto: onde estavam o Instituto de Letras (com seus professores de Português, Latim e Linguística), o Conselho Editorial da Editora da UnB, o CNPq e o PIBIC, quando deixaram sair tal publicação? E por que parecerista foi aprovada? Pelo que consta, a Editora, antes de aceitar um livro, envia-o a um parecerista. Minha intenção não é criticar sem fundamento. Fundamentarei minha crítica citando apenas alguns "enganos" da autora. Digo "alguns" porque seria um trabalho hercúleo nomear todos. Convém ressaltar que fiz somente um exame rápido do livro. Mesmo assim, não consegui terminá-lo, pois minhas forças esgotaram-se à p. 128 e, a partir desta, passei somente a folheá-lo.

Em princípio, quero chamar a atenção para as definições iniciais de declinação, morfologia e sintaxe contidas nas p. 24 e 26, que não são corretas. Declinação não é "um conjunto de casos que uma palavra pode apresentar", mas declinação é flexão, isto é, uma mudança na forma de uma



palavra, feita para expressar sua relação com outras palavras. A autora resume caso e sintaxe assim: “caso é morfologia e sintaxe é função”. Mas não é bem assim. Casos são as funções que cada palavra pode ter pelas terminações que recebe. Morfologia é o “estudo das palavras e de todos os seus processos de formação, detendo-se especialmente no exame de flexão, isto é, da declinação e da conjugação”. (v. Faria, Ernesto, *Gramática superior da língua latina*, p. 48). Sintaxe é o uso e a disposição das palavras na frase dentro de um contexto e a relação lógica das frases entre si, com uma construção gramatical correta (v. H.B., Aurélio, *Novo Dic. da L. P.*).

Do ponto de vista gramatical, citei alguns exemplos relevantes dentre os muitos. À p. 26, no exemplo (c): *dei alimento para a rã*, o simples complemento indireto do verbo dar é analisado como complemento de interesse em latim! Este erro é bastante elementar, pois outra maneira de dizer a mesma sentença seria: *dei alimento à rã*. É como em português, isto é, simplesmente um objeto indireto: *rae cibum dedi*. Para a solução da pequena sentença *bona cena Alexandro erit* (p. 69), aconselho a autora a ler o Prof. Ernesto Faria (*op. cit.*, p. 349, 351, 352), onde o autor explica o que é um simples dativo, dativo de posse e dativo de interesse. A cansativa explicação da autora, à p. 67, é confusa, pois não sabe como resolver o que lhe parece um problema e trata de três maneiras esta construção do verbo *sum* com dativo. Ao tratá-la como dativo de interesse, com certeza deve ter confundido a construção do verbo *sum* com dois dativos: um dativo de interesse e outro que serve para indicar a consequência ou efeito de uma coisa. E.g.: *his difficultatibus duae res erant subsidio* (Caes., *B. Gal.*, 2,20,3). Não é o caso



da sentença acima, onde há somente um dativo: *Alexandro*. Eis um exemplo de dativo de interesse: *Non scholae sed vitae discimus* (Sen. *Ep.*, 44,2). Como está demonstrado, a Sra. Melasso confunde simples dativo com dativo de interesse e dativo de posse. Na mesma página, no exemplo (f): *a mosca foi comida pela rã*, o agente da passiva *pela rã* é analisado como adjunto adverbial, e esta análise é reforçada à p. 114: adjunto adverbial de instrumento. Eu diria que, seguindo o raciocínio da autora, se a mesma sentença estivesse na ativa: *a rã comeu a mosca*, o sujeito seria um adjunto adverbial de instrumento! Mais adiante, à p. 37, é apresentado um quadro precedido de uma explicação sobre a preposição *in* como se esta regesse somente acusativo. Em consequência disto, há confusão quanto ao uso da preposição nos textos. Assim, no Texto 1, à p. 68, lê-se: *vita in arua ardua est...*, regendo acusativo, quando deve reger ablativo: *in aruis*. Em outra ocasião, quando deveria ser usado o acusativo, encontra-

se o ablativo: *Capella maesta in lacu se iactavit*. Neste caso, deve ser usado o acusativo: *in lacum*. Erros primários! Outras vezes, usa a preposição *in* desnecessariamente, como no Texto 1 à p. 92, repetindo o mesmo erro duas vezes: *in Domitiani tempore* e *in imperatoris tempore*, quando a forma correta é *Domitiano tempore* e *imperatore tempore*. Passo a analisar agora o uso do pronome demonstrativo *is - ea - id*, declinado à p. 65 e traduzido corretamente como demonstrativo e pessoal. Entretanto, não aparece nos textos como pessoal sequer uma vez. Ele é substituído por *ille - illa - illud*: p. 68, *illi*: p. 69, *illis*: p. 70, etc. Observa-se também certo descaso quanto à construção de verbos em latim. Assim, ao explicar o subjuntivo à p. 116, dá um pequeno exemplo com um grande erro de regência: *Volo facias* (negligenciada aqui a grafia do U, de que a autora faz tanta questão), em que *volo* está usado com subjuntivo, quando os verbos que significam “querer” (*verba voluntatis*), como *volo*, são construídos com infinitivo ou oração infinitiva, o que corresponde em português ao infinitivo objetivo e à oração objetiva direta. Ainda, à p. 106, encontra-se o verbo *propinquare* empregado com *ad + acus.*: *ad extremum campanae propinquauerant*, quando *propinquare* é usado com o dativo denominado de aproximação (v. Besselaar., J., van den, *Propylaeum latinum*, par.77, 1,3, n.2). A seguir, o leitor deve atentar bem para uma incrível explicação dada pela autora a fim de conseguir justificar um gritante erro de gramática que sequer notou. Na terceira linha do Texto 2, à p. 68, chamo a atenção para as seguintes sentenças: *Magister puero libri fabulam narrat. Fabula de apro, capro et Alexandro fabro narrat*. Uma absurda explicação para estas linhas encontra-se à p. 67: “Na linha 3, o aluno deve notar a construção da forma verbal *narrat* como transitiva e, na linha 4, como intransitiva.” (!!!) Ora, com certeza a Sra. Melasso não notou que há um erro evidente na segunda sentença, pois *fabula* deveria estar em

acusativo: *fabulam*, pois é o objeto direto de *narrat*; o sujeito deste está oculto na segunda sentença: *magister*. Depois disto, acredito que devo interromper por aqui os comentários gramaticais, apesar de ter anotado inúmeros outros.

Desejo, também, fazer uma observação sobre a nota ao Texto 1, à p. 66, em que a autora se refere às denominações dos instrumentos: *tibia*, *avena*, *cicuta*, *calamus*, *fistula*, *stipula*. Ela escreve a seguinte nota: “Nas linhas 13 e 14 do texto encontram-se várias denominações para a flauta; a diferença está no material usado para confeccioná-la...” Na verdade, nem todos estes instrumentos eram iguais, tanto na forma como no som, pois, por exemplo, a assim denominada flauta de Pan era feita de canudos de tamanhos diferentes e tocava-se como a gaita; a *tibia* tinha o som do “aulo” que era semelhante ao oboé. – A não ser que a autora considere a flauta e o oboé instrumentos iguais. – Assim, cada um destes instrumentos tinha sua característica distinta.

Seguem-se, ainda, algumas observações quanto às explicações fonéticas. À p. 80, *pater* é analisado como um radical desenvolvido. Entretanto, o nominativo e o vocativo têm o radical puro, i.e., *pater*, ocorrendo a síncope do *-e-* a partir do genitivo: *patris*, *patri*, etc. Basta conhecer as formas gregas

não sincopadas *patér*, *patéros*, *patéra*, *páter*, e as sincopadas *patrós*, *patri*, *pátra*, para saber que se trata de um radical em *-e-* com síncope a partir do genitivo singular. À p. 159, a forma hipotética **prodsum* não tem razão de ser, pois a dental não faz parte do prefixo que é a preposição *pro-*, mas é apenas uma eufonia que apareceu para evitar o encontro vocálico nas formas do verbo *sum* que se iniciam por vogal: *prosum*, *prodes*, *prodest...* etc. Por outro lado, se, de fato, tivesse existido a forma **prodsum*, teria havido enfraquecimento e síncope da dental antes do *-s-* e não o

que a autora chama de assimilação, pois esta modificação fonética resultaria num duplo *-s-*, e o verbo seria escrito *prossum*. Em seguida, criou para *possum* uma forma hipotética **poteo* com uma explicação inexata e antididática. Na verdade, este verbo é composto do adjetivo *potis-e + sum* e, neste caso, o *-t-* faz parte do prefixo verbal *pot-*, e passou pelas seguintes transfor-

mações fonéticas: *potesum* > *potsum* > *possum*, isto é, queda da vogal entre a dental e a sibilante, assimilação da dental, recobrando esta nas formas em que o verbo se inicia por vogal: *potest*, *poteram*, etc. A forma de infinitivo resultou *posse* pelo mesmo processo. Em alguns autores do período arcaico encontram-se também formas como *potesse* (Plauto, *Cist*, 30; *Most*, 10, etc.), que deu *potere* na baixa latinidade e, depois, o italiano “potere” e o português “poder”. À p. 77, a forma de genitivo *oris* é explicada pelo rotacismo. Como pode acontecer o rotacismo numa palavra cujo radical já termina em *-r-*, pois, tirando-se do genitivo *oris* a terminação *-is*, resta seu radical *or-*. Alguns nomes como *mors*, *mortis* conservam o grupo consonantal em final de palavra, outros não. Assim, *os*, *oris*, *cor*, *cordis*, etc. Não existe um critério adotado pela autora para encontrar a raiz de uma palavra pois, ao tratar de *ager*, em nota à p. 52, fala de um radical desenvolvido, portanto, considerou a raiz a partir do genitivo. Contudo, se em *os*, *oris* diz ter havido um rotacismo, tomou seu nominativo como base para encontrar a raiz. Quanto à divisão de um vocábulo, há confusão em todo o livro. Não se fala em sufixo temporal, mas infixos (que não existe em latim), confundindo este com aquele (p. 60, 113, etc.). Já que a finalidade do livro é também dar explicações fonéticas, devia, pelo menos, saber separar corretamente os elementos de um vocábulo. Chama de desinência a vogal *-o-* que, na verdade, no presente foi resultante de uma alternância da vogal temática pela perda da desinência *-m*, o que se pode comprovar em Plauto (*Merc*, 304), em que a palavra *AMO* forma um jambo no final, o que mostra a existência daquela desinência (cf. Meillet-Vendreyes, *Grammaire comparée des langues classiques*, p. 148). Para quem conhece o verbo grego, sabe que este passa por transformação semelhante no presente e no futuro do indicativo (cf. Mancini, Augusto, *Grammatica della lingua greca*, par. 150).



Para que se tenha uma idéia da quantidade de “enganos” encontrados no livro somente com o rápido exame feito até a p. 128, além dos acima citados, as seguintes páginas apresentam erros, sendo que, em algumas delas, foram encontrados dois a três deles. São elas: 19, 46, 47, 48, 59, 62, 67, 73, 91, 105, 107, 125, 128. E, com certeza, outros erros poderão ser apontados se se fizer exame mais cuidadoso.

O livro deixa muito a desejar, pois quem o escreveu demonstra até mesmo falta de formação no que se refere à gramática da língua portuguesa, falta de conhecimento da fonética (pois para conhecer bem a fonética da língua latina é preciso conhecer, além do grego, a fonética da língua grega), da morfologia e, acima de tudo, da sintaxe da língua latina e, em consequência disto, de sua estrutura. Desta forma, os textos, acompanhados de explicações, cuja finalidade seria a de auxiliar os alunos, servem para confundí-los ainda mais e, como estes são, geralmente, elementos passivos e sem base para uma crítica, aceitam os erros como verdades e, mais tarde, serão os veículos destes mesmos erros. Nos exemplos de sintaxe citados não há sequer um extraído de autores latinos. Quando o fez, como na p. 124, cita o autor e a obra, mas não a passagem. Em alguns textos a escolha do vocabulário também foi infeliz,

como é o caso do Texto 3, à p. 69. Isto poderia ser relevado se a estrutura da língua fosse latina. Entretanto, na maioria das vezes, parece-me estar lendo uma nova língua: o “latinglês”. Contudo, quero ressaltar que os textos não chocam tanto quanto as “orientações” para trabalho nos textos.

Acresce, ainda, que o livro se apresenta como um trabalho de pesquisa. Ora, uma pesquisa consiste na elaboração de um trabalho sério em que são consultados autores, cujas citações devem constar no livro no decorrer de sua exposição. A *Gramática superior da língua latina* do Prof. Ernesto Faria é um exemplo de trabalho sério, resultado de uma verdadeira pesquisa. Em uma pesquisa de composição de textos, é preciso registrar, em nota de rodapé, o nome do autor, do livro e, senão da passagem, pelo menos da página de onde foi extraída a citação ou aproveitada a idéia. A autora diz, na introdução, que a finalidade foi a de “produzir” material didático mas, qualquer que fosse sua destinação, deveria conter definições e explicações simples e corretas. O problema é muito grave pois, em primeiro lugar, deve ser questionada qual a qualidade de material didático, como foi “produzido” e, ainda, se a simples “produção” de material didático deste nível vale a pena resultar em publicação, mesmo como livro comum destinado ao ensino de latim. Para qualquer filólogo ou linguista, este livro é uma afronta à cultura.

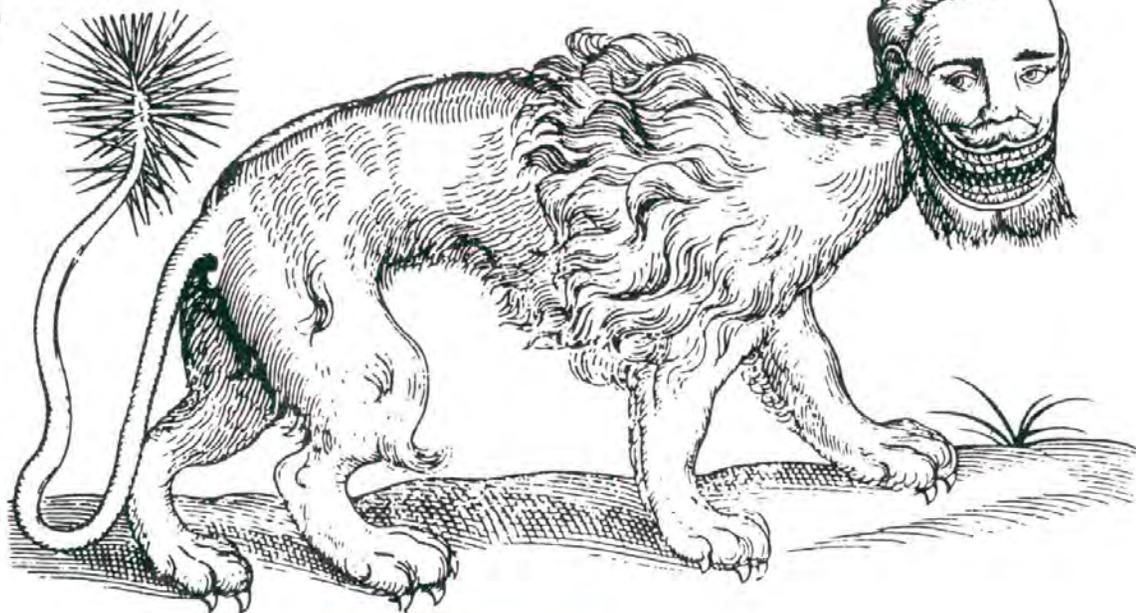


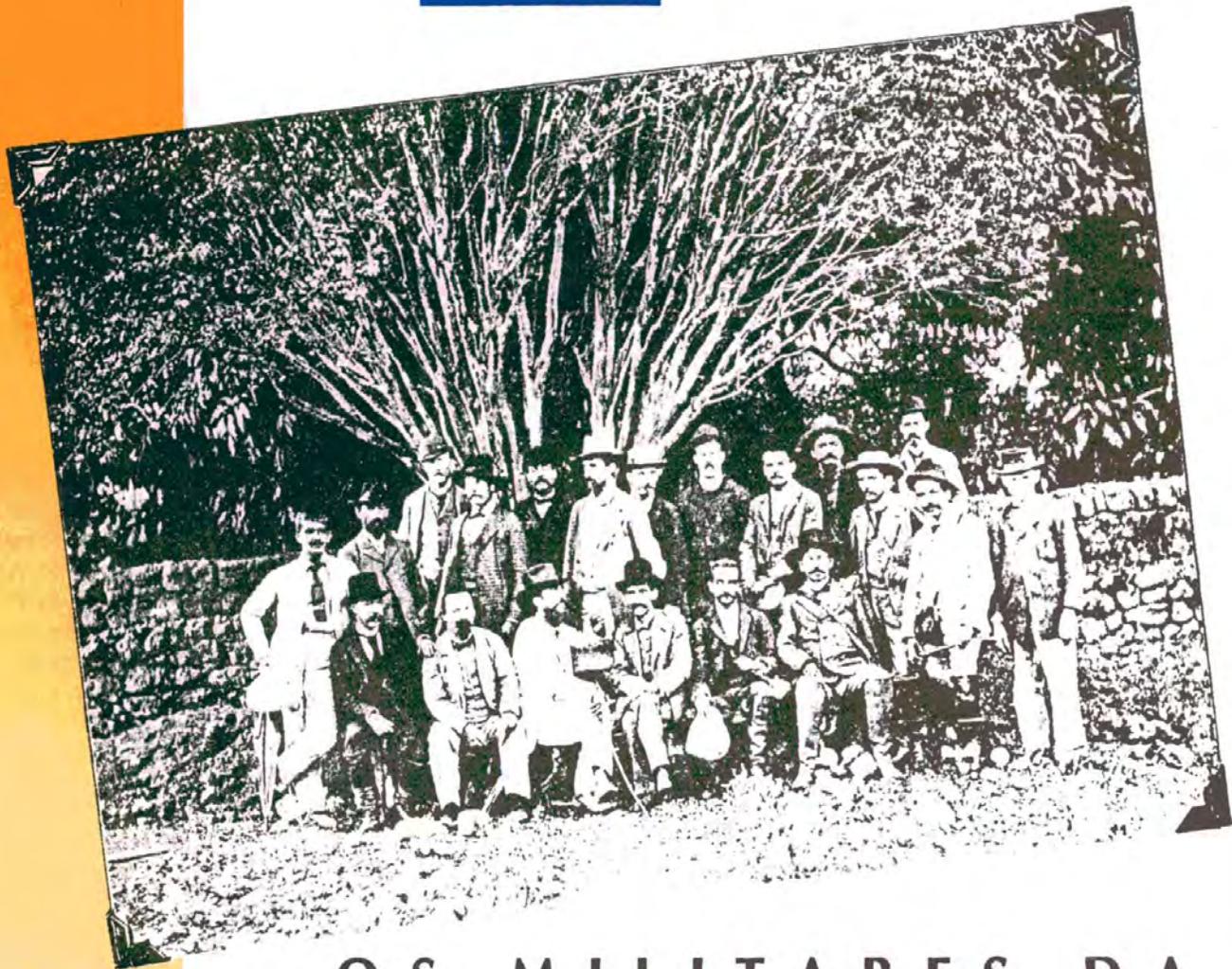
Tanto mais grave pelo fato de ter sido considerado “pesquisa” e recebido apoio dos órgãos citados no início. “O tempora, o mores! Ubinam gentium sumus? In qua urbe vivimus?” O que está acontecendo com nosso país em matéria de cultura se, na UnB, considerada uma boa escola de ensino superior, pessoas que deveriam zelar pela qualidade das produções de sua Universidade permitem que tal absurdo aconteça? E, acima de tudo, deve-se questionar que requisitos são exigidos para se obter um grau de “mestre” no Departamento de

Linguística, Línguas Clássicas e Vernácula da Universidade de Brasília. Digo mais: não julgo a autora tão responsável quanto aqueles que a patrocinaram e continuam a patrociná-la.

Quero acrescentar, ainda, que não desejo provocar polêmicas nem discussões a respeito, pois considero minhas observações indiscutíveis. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.

Doutora em Letras (Língua e Literatura Grega PUC-SP); Master of Arts (Major Greek Minor Latin, University of Texas) e ex-professora de Língua e Cultura Clássica, do extinto Centro de Estudos das Línguas e Civilizações Clássicas da UnB.





Somente no governo do Marechal Floriano Peixoto, entusiasta da mudança da capital, o processo foi acelerado com a aprovação do crédito necessário para as primeiras explorações no Planalto Central, pelo projeto do deputado Nogueira Paranaguá.

OS MILITARES DA MISSÃO CRULS

□ **Alberto Martins da Silva**

A Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, denominada Missão Cruls - 1892 -, reuniu homens de reconhecida capacidade técnica para realização dos estudos específicos à escolha da área para a futura construção da nova capital do Brasil. Na verdade, ela foi uma Comissão Militar chefiada por Luís Cruls, astrô-

nomo belga, então diretor do Observatório Nacional. Nascido em 1848, em Diest, Cruls iniciou seus estudos superiores na Universidade de Gand, transferindo-se para a Escola Militar, onde terminou seu curso de engenharia militar, de formação em geodesia e cartografia. Muito jovem, e no posto de 1º tenente, abandonou a sua car-

reira militar, vindo para o Brasil a fim de trabalhar na Comissão da Carta Geral do Império, junto ao Imperial Observatório, designação do atual Observatório Nacional. Trabalhou com o astrônomo francês Emmanuel Liáis, radicado no Brasil, então diretor do Observatório, como adido voluntário, impulsionado pelos pendores para o estudo da astronomia. Em 1874, Cruls já alcançara a posição de primeiro-astrônomo, que equivalia ao de vice-diretor, tais as suas excelentes qualificações profissionais. Amigo do Imperador D. Pedro II e de várias personalidades do mundo político da época, coisa que lhe valeu um certo número de embaraços, desenvolveu um trabalho de excelência tanto na parte administrativa, sempre lutando para conseguir melhoramentos para o seu Observatório, como na parte científica, onde alcançou o reconhecimento do meio internacional na sua área específica.

Cruls assumiu, oficialmente, a direção do Imperial Observatório em julho de 1884, embora já estivesse administrando a instituição desde o ano de 1881, quando do pedido de exoneração de Emmanuel Liáis. Foi nomeado lente de Astronomia da Escola Militar em 1888, onde cultivou preciosas amizades com militares. Em 31 de maio de 1890, pelo Decreto 451-A, o Observatório deixou a subordinação ao Ministério da Instrução Pública, Correios e Telégrafos - cujo titular era Benjamin Constant, seu amigo e antigo freqüentador do Observatório, também interessado pela astronomia - passando a ser subordinado ao Ministério da Guerra, antiga aspiração de Luís Cruls.

Embora a notícia da transferência da capital brasileira para o interior do país fosse assunto tratado e discutido há muitos anos - pode-se nomear Mar-



O grupo de exploradores, liderado por Luís Cruls, observa a beleza da região do alto do monte Pireneus, perto da atual Pirenópolis

quês de Pombal, Hipólito da Costa, Tiradentes, José Bonifácio, Adolpho de Varnhagen e outros mais -, somente no governo do Marechal Floriano Peixoto, entusiasta da mudança da capital, o processo foi acelerado com a aprovação do crédito necessário para as primeiras explorações no Planalto Central, pelo projeto do deputado Nogueira Paranaguá, e baseado no artigo da Primeira Constituição Republicana "fica pertencendo à União, no Planalto Central da República, uma zona de 14.000 km², que será oportunamente demarcada, para nela estabelecer-se a futura capital". Assim, a 1^ª de junho de 1892, Luís Cruls toma posse como chefe da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, chamada de Missão Cruls, que fora constitu-

ída um mês antes, iniciando seus trabalhos com os componentes do grupo, que durariam até o ano seguinte, numa estafante e gloriosa jornada através do planalto central.

A Comissão era constituída de vinte e duas pessoas (núcleo técnico) e um contingente militar (núcleo de segurança e apoio). Deste grupo, faziam parte onze militares do Exército, sendo nove oficiais e dois alferes, nomeados pelo Ministério da Guerra, General-de-Brigada Francisco Antônio de Moura, e postos à disposição do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, cujo titular era o ministro Antônio Gonçalves de Faria. Completavam o grupo os astrônomos Julião de Oliveira Lacaille e Henrique Morize, o médico higienista Antônio Martins de Azevedo Pimentel, o geólogo Eugênio Hussak, o botânico Ernesto Ule, o mecânico Eduardo Chartier e os auxiliares Antônio Jacinto de Araújo Costa, João de Azevedo Perez Cuyabá, João Paulo de Melo e Francisco Souto. Os integrantes militares eram os capitães Pedro de Alcântara

de Sousa Gouveia (médico), Celestino Alves Bastos, Alfredo José Abrantes (farmacêutico) e Pedro Carolino Pinto de Almeida; os tenentes Augusto Tasso Fragoso, Hastimphilo Freire de Moura, Alípio Gama e Antônio Cavalcante de Albuquerque; os alferes Joaquim Rodrigues de Siqueira Jardim e Henrique Silva; e o tenente-coronel da reserva Felicidade do Espírito Santo. Quanto ao contingente militar que fazia a segurança da Comissão, não foi possível precisar o seu efetivo já que, por várias vezes, durante a jornada, foi modificado em razão da rotatividade normal, doença ou por motivo de indisciplina. A presença do tenente-coronel da reserva, Felicidade do Espírito Santo, um homem estudioso dos problemas indigenistas, deve-se aos

rumores da existência, na área, de tribos ferozes. Esta possibilidade não existindo, segundo os relatórios, firma nossa posição de que o citado oficial não tenha acompanhado os trabalhos de campo - longos trajetos a cavalo, permanência em barracas, chuvas torrenciais, travessias de rios e longas caminhadas nas explorações - devido a sua idade de quase setenta anos. Foi, no nosso entender, um consultor.

Para atender as determinações do Presidente da República, como já dissemos, um mudancista, tudo foi liberado com rapidez. Assim, da data de nomeação do grupo explorador até o dia da partida do Rio de Janeiro, decorreram menos de quarenta e cinco dias. O interesse era grande, e os preparativos foram acelerados.

Todos colaboraram na incursão histórica que hoje, passados cento e cinco anos, relembramos, com reverência e orgulho, fortalecidos pela presença real, viva, atuante, significativa e representativa de Brasília, cidade-símbolo da integração nacional.

A partida do grupo - do Rio de Janeiro - foi efetuada em 9 de junho, por via férrea, até Uberaba. Após os aprestamentos necessários, partiu em direção à cidade de Pirenópolis, atingida a 1ª de agosto, com estacionamento nas cidades de Catalão, Entre-Rios (hoje Jataí) e Bonfim. Durante o trajeto, diz o relatório de Luís Cruls "além do itinerário levantado pelo processo do caminhamento, fizeram-se numerosas determinações astronômicas em cada abarracamento, sendo as latitudes determinadas com o sextante, por meio de alturas meridianas do sol ou de estrelas". Foi um intenso trabalho de exploração e pesquisa, onde cada especialista pôde apresentar um relatório de sua área correspondente, compondo o relatório final de Luís Cruls. Foram avaliações de distâncias e altitudes durante todo o trajeto; medições das profundidades, larguras e velocidades dos rios; comprimento, largura e profundidade das lagoas; quadro nosológico da região; geologia local e produtos naturais; botânica e zoologia; e qualidade das águas e riques-



Membros da Missão Cruls às margens do Rio das Almas, na antiga Meia-Ponte, atualmente Pirenópolis

zas naturais. O Exército Brasileiro deu a sua contribuição ao projeto exploratório através dos militares que integraram a Comissão, todos especialistas e idealistas, que bem cedo incorporaram o seu apoio à idéia mudancista do Presidente Floriano Peixoto.

Para a demarcação dos vértices do "quadrilátero", Cruls dividiu o grupo em quatro turmas, a saber:

Turma Norte-Oeste: Celestino Alves Bastos, Tasso Fragoso, Alfredo José Abrantes e o auxiliar João Perez Cuyabá. Vértice demarcado em 12 de novembro de 1892.

Turma Norte-Leste: Julião de Oliveira Lacaille, Antônio Cavalcante, Dr. Pedro Gouveia, alferes Joaquim Rodrigues de Siqueira Jardim e o auxiliar Antônio Jacinto de Araújo. Com demarcação do vértice em 15 de janeiro de 1893.

Turma Sul-Leste: Henrique Morize, Alípio Gama e o ajudante João Paulo de Melo. O vértice foi demarcado em 18 de novembro de 1892.

Turma Sul-Oeste: Luís Cruls, Hastimphilo de Moura, Dr. Antônio

Martins de Azevedo Pimentel, Eduardo Chartier, Isidoro Souto, Pedro Carolino e o alferes Henrique Silva. Na data de 15 de novembro de 1892, o vértice foi demarcado.

O mais jovem integrante da Comissão foi o tenente Augusto Tasso Fragoso, nascido no Maranhão em 1869. Ingressou na Escola Militar aos 16 anos, onde realizou um brilhante curso. Após concluído o curso da Escola Superior de Guerra, foi designado para servir no Observatório Astronômico do Rio de Janeiro, localizado no Morro do Castelo, onde permaneceu de fevereiro de 1891 até maio do ano seguinte, quando passou à disposição do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, integrando o grupo de especialistas da Comissão Exploradora do Planalto Central. Dirigia o Observatório, desde 1884, seu ex-professor de cartografia, o engenheiro belga Luís Cruls. Tasso Fragoso foi o chefe da "Turma Norte-Oeste", que demarcou o "Quadrilátero Cruls" em 12 de novembro de 1892. Após concluídos os trabalhos - fevereiro de 1893 - retorna ao Rio de Janeiro, onde conclui o seu relatório técnico. Tasso Fragoso voltaria a encontrar-se com seu amigo Luís Cruls quando da "Comissão de Limites com a Bolívia", no período de 1900 a 1901, que am-

bos integraram. Ao longo de sua brilhante vida militar participou de relevantes fatos da nossa história. Tasso Fragoso foi um dos signatários do famoso "compromisso de sangue" dos alunos da Escola Superior de Guerra, ao Dr. Benjamin Constant, em 11 de novembro de 1889. Comandando uma Bateria do Batalhão Acadêmico, participou ativamente da Revolta da Armada, quando foi ferido gravemente. Para a Constituinte de 1890, sendo eleito deputado federal pelo Maranhão, por indicação do Marechal Floriano Peixoto, não aceitou o cargo, renunciando a 4 de novembro. Atuou na prefeitura do Distrito Federal como Intendente de Obras, também a convite do Marechal. Foi adido militar na Argentina, assessor do Governo de Wenceslau Braz, na Casa Militar. Foi promovido ao generalato em 1918, e exerceu também as funções de Chefe do Estado-Maior do Exército e de Ministro do Superior Tribunal Militar (1933). Durante a crise política de 1930, foi membro da Junta Governativa do Governo Provisório. Como escritor e historiador militar, entre muitos de seus trabalhos, deixou a magnífica obra *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*. Faleceu em setembro de 1945.

Antônio Cavalcante de Albuquerque, nascido nas Alagoas, em 1863, era oficial de engenharia. Ingressou no Exército em 1883, tendo sido aluno do Dr. Cruls na Escola Superior

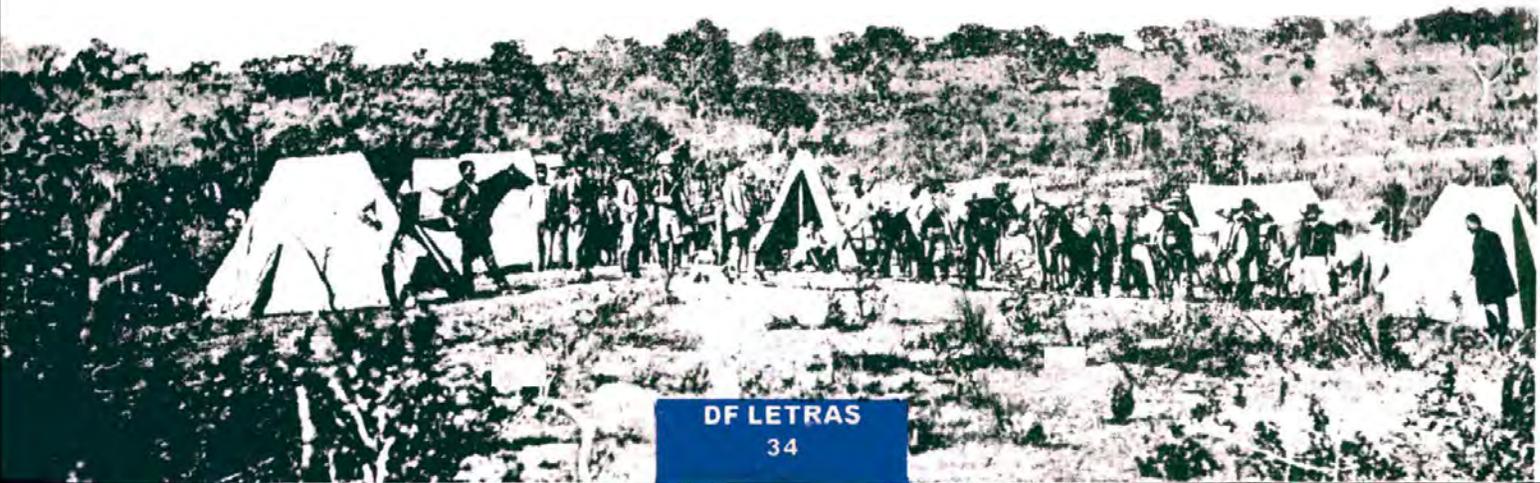
de Guerra. Tinha o posto de tenente quando, em maio de 1892, passou a integrar a Comissão. Assumiu a chefia da turma Norte-Leste logo após o pedido de exoneração do astrônomo Julião Lacaille. No dia 15 de janeiro de 1893, alcançaram e demarcaram o vértice do quadrilátero. Permaneceu na Comissão até fevereiro seguinte, quando retornou ao Rio de Janeiro. Participou, durante a Revolta da Armada, do Batalhão Acadêmico. Ainda no governo de Floriano Peixoto, fez parte do segundo grupo que compôs a Comissão de Estudos da Nova Capital da União, novamente sob a chefia do engenheiro Luís Cruls.

Também do Maranhão, nascido em 1865, era o tenente Hastimphilo Freire de Moura. Assentou praça na Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, em 1885, na mesma turma de Tasso Fragoso; como ele, foi um dos signatários do famoso "compromisso de sangue", em 1889, às vésperas da Proclamação da República. Passou à disposição do Ministério da Agricultura em maio de 1892, integrando a Comissão Exploradora do Planalto Central. Fez parte da Turma Sul-Oeste, que era chefiada pelo próprio Cruls,

seu ex-mestre. Em início de 1893, após completar o seu relatório parcial, retorna às suas funções militares, na Capital Federal. Integrou também a Comissão de Estudos da Nova Capital da União, chefiando uma Turma, em 1894. Hastimphilo Freire alcançou o generalato e exerceu importantes funções no Exército.

O Dr. Alfredo José Abrantes era capitão-farmacêutico do Serviço de Saúde do Exército quando, em maio de 1892, passou a integrar a Turma Norte-Oeste, chefiada pelo engenheiro Cruls, de quem era amigo particular. Nasceu na Paraíba, em 1857, e terminou seu curso na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1883. Desempenhou um papel de importância no setor de pesquisas técnicas e nas observações astronômicas. Dr. Abrantes era um estudioso do assunto, o que comprova a sua indicação para compor a comissão que foi investigar o eclipse solar observável no Ceará, em abril de 1893, em pleno trabalho da Comissão Exploradora. Tudo leva a crer que o Dr. Abrantes frequentara o Observatório Astronômico - situado ao lado do Hospital Militar da Guarnição da Corte, no Morro do Castelo - onde se dedicara à astronomia, fazendo assim muitos amigos, concluindo-se que a sua integração na Missão Cruls não se baseara tão-somente nos seus conhecimentos farmacêuticos. Participou, também, da Comissão de Estudos, em 1894, em função buro-

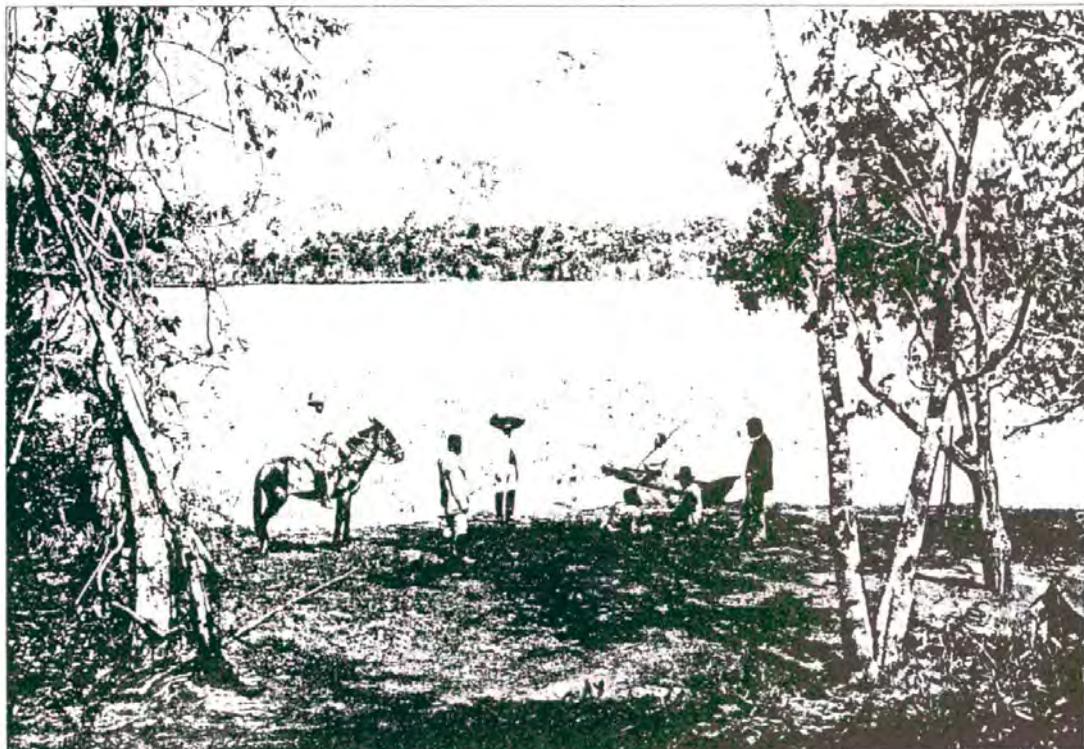
*Acampamento da Missão
Cruls nas cabeceiras
do Rio Pindahyba.
Os pesquisadores fizeram
um levantamento topográfico
completo da área*



crática, permanecendo até o final dos relatórios, em 1896. Participou da Comissão de Limites com a Bolívia, durante o período de 1907-1908. Exerceu várias funções na sua área específica, sendo um dos renovadores e grande impulsionador na atualização do Laboratório Químico-Farmacêutico do Exército. Alcançou o generalato em 1919, ao passar para a reserva. Foi membro titular da Academia Nacional de Medicina, e é homenageado pela Academia Nacional de Farmácia, como patrono da Cadeira nº 2. Faleceu no Rio de Janeiro, em outubro de 1928.

Pedro Carolino Pinto de Almeida é natural do Rio de Janeiro, nascido em 1856. Era da Arma de Infantaria. Sentou praça em 1875 e, quando foi nomeado, tinha o posto de capitão. Servia no 10º Batalhão de Infantaria, à época da Comissão, quando recebeu a designação para comandar o contingente militar que iria apoiar a viagem do grupo. Durante a viagem de exploração, permaneceu integrado à Turma Sul-Oeste, chefiada pelo Dr. Cruls. O capitão Carolino, quando tenente, foi protagonista de um famoso caso com o Ministro da Fazenda e Chefe do Governo, Visconde de Ouro Preto, que ao entrar no Ministério, não o encontrando no comando da guarda para recebê-lo, determinou a sua prisão, sem aceitar as desculpas apresentadas - estava ocupado, no gabinete privado. Isto causou reação dos militares, já em desavenças com o Governo Imperial, fazendo com que Benjamin Constant exigisse um pronunciamento do Clube Militar, numa época das crises militares que antecederam à Proclamação da República. Em 1897, a 5 de agosto, o então capitão Pedro Carolino seguiu para o interior baiano, onde passa a integrar a 1ª Brigada, quando da Campanha de Canudos, chegando a comandar o 26º Batalhão de Infantaria.

Pedro de Alcântara de Sousa Gouveia, capitão-médico do serviço de



A Lagoa Feia, localizada nas proximidades de Formosa (GO), foi visitada à época pelos membros da Missão Cruls

Saúde do Exército, era paraibano, formado pela Faculdade de Medicina da Bahia. Estava servindo em Minas Gerais quando foi designado, em maio de 1892, para compor o grupo de Luís Cruls, na exploração do Planalto Central. Durante todo o seu trabalho, integrou a Turma Norte-Leste, coordenada pelo engenheiro militar Antônio Cavalcante de Albuquerque. Prestou seu apoio técnico aos membros da Comissão e às populações dos lugares percorridos. A presença do médico militar em comissões, de demarcações de limites e exploratórias, foi uma constante em nossa história; são inúmeros os que participaram de jornadas pelo interior do nosso território. O Dr. Pedro Gouveia deixou o grupo em 10 de abril de 1893, nomeado para a Bahia, em outra missão do Ministério do Exército. Era o mais velho membro do grupo explorador: nascera em 1855 e tinha 37 anos.

Celestino Alves Bastos é natural de Mato Grosso, nascido em 1856. Ingressou na Escola Militar em 1872. Foi um brilhante aluno em todos os cursos do Exército. Aos vinte anos, no posto de capitão, passa a compor o grupo da Comissão, integrando a Turma Norte-Oeste, inicialmente como chefe, até

sua incursão exploradora sobre a Chapada dos Veadeiros. Foi substituído pelo tenente Tasso Fragoso. Deixou a Comissão em abril de 1893, já promovido ao posto de major. Participou da segunda viagem ao Centro-Oeste quando da organização da Comissão de Estudos, chefiando uma das Turmas. Galgou todos os postos da hierarquia militar. Foi Chefe do Estado-Maior do Exército. Faleceu no Rio de Janeiro em fevereiro de 1923.

Alípio Gama nasceu em São Paulo em 5 de outubro de 1863. Engenheiro militar, alcançou o posto de coronel (1915), reformando-se como general. Integrou a Turma Sul-Leste, chefiada pelo astrônomo Henrique Morize, que demarcou o vértice em 18 de novembro de 1892. O tenente Alípio Gama foi um estudioso da geologia brasileira, tendo também executado diversas cartas geográficas da Lagoa Mirim do rio Jaguarão e do Distrito Federal. Publicou inúmeros trabalhos sobre manifestações vulcânicas no Brasil e sobre



Na amplidão do Planalto, o explorador Luís Cruls observa o horizonte e os cerrados de Catalão (GO), cidade próxima ao DF

radiotelegrafia militar. Atuou na Comissão de Limites do Mato Grosso, como chefe. Faleceu na capital de São Paulo em dezembro de 1935.

Henrique Silva era o alferes do contingente militar, ajudante do capitão Pedro Carolino. Era natural de Goiás, nascido em 1865. Sua carreira militar teve início em 1882, como cadete do Esquadrão de Cavalaria de Goiás, matriculando-se, no ano seguinte, na Escola Militar da Praia Vermelha. Homem dedicado ao estudo das possibilidades goianas, empreendeu viagens de estudos pelo sul do Brasil e Mato Grosso e, em 1889, tomou parte na Comissão de Observação das Fronteiras da Bolívia, sob o comando de Deodoro da Fonseca. Integrou ainda, em 1895, a Comissão que realizou o traçado da estrada de ferro Catalão-Cuiabá. Prestou valiosa cooperação ao Dr. Cruls, pelos conhecimentos que possuía da área visitada, emprestando seu entusiasmo pela causa mudancista. Foi colaborador de vários jornais em Goiás e Rio de Janeiro, sendo o fundador da revista *Informação Goyana* (1917-1935). Integrou a Turma Sul-Leste, sob a chefia do Dr. Cruls.

Joaquim Rodrigues de Siqueira Jardim integrou a Turma Norte-Leste, chefiada pelo tenente Antônio Cavalcante de Albuquerque, sendo companheiro do alferes Henrique Silva, no contingente militar.

O Relatório, entregue pelo chefe da

Comissão Exploradora, ensejou a constituição de uma nova comissão - Comissão de Estudos da Nova Capital - que foi, de imediato, organizada sob as mesmas diretrizes do Presidente da República, e cuja chefia foi novamente entregue ao Dr. Luís Cruls. O objetivo principal do grupo era a escolha, dentro do Quadrilátero Cruls, da melhor área para a construção da nova capital. Desta nova comissão, participaram, novamente, à convite da chefia, os seguintes oficiais: Hastimphilo Freire de Moura, Celestino Alves Bastos, Alípio Gama, todos chefiando turmas, e Antônio Cavalcante de Albuquerque. O capitão-farmacêutico Alfredo José Abrantes, também designado, permaneceu na capital federal desenvolvendo trabalhos burocráticos e ultimando os relatórios recebidos. Para a nova Comissão foram também nomeados os engenheiros militares João José de Campos Curado, Antônio Mariano Alves de Moraes, Paulo Freitas e Custódio Sena Braga e o médico militar José de Araújo Bulcão.

Estes foram os militares que participaram da histórica campanha

exploratória das terras do Planalto Central. Esta foi a origem dos trabalhos técnicos que serviram de base para a edificação de Brasília. Foram homens denodados e idealistas que acreditaram na importância da mudança - tão cantada ao correr dos tempos - e que o Presidente Floriano Peixoto tomou a seu cargo. Infelizmente, com a mudança do governo, outras opiniões prevaleceram, embora a luta no parlamento continuasse, permanecendo, sem avanço, o projeto inicial. Somente com a visão geopolítica de Juscelino Kubitschek, o estudo foi continuado e os trabalhos recomeçaram com o mesmo ímpeto do governo do Marechal Floriano. O notável trabalho técnico da Comissão Exploratória do Planalto Central foi recompensado; estava pronto o estudo do terreno, em todos os seus aspectos, faltava tão-somente o sopro dos inspirados. O Presidente Juscelino deu ação e vida a tudo que dizia respeito à mudança, criando o mito da Nova Capital, edificada em tempo recorde, e que hoje representa a mais ousada conquista dos tempos modernos da história do Brasil.

Brasília é uma realidade iniciada com os sonhos, defendida com os ideais e concretizada com a visão de homens predestinados.

* Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

JORGE AMADO

“Brasília é muito mais que um núcleo populacional.

Brasília significa a consciência que os brasileiros têm da importância de sua

Pátria, da grandeza de sua Pátria, do futuro de sua Pátria.

Fui um dos primeiros a apoiar Brasília.

Tenho grande vaidade disso. Quando falam em Brasília, digo: minha cidade.”

Cidadão brasileiro, cidadão do mundo...



Jorge Amado, 85 anos, 66 dos quais dedicados à Literatura, é uma referência da nossa “baianidade” que retrata a mais homogênea mistura da alma e da raça brasileira. Índios, brancos e negros, no caldeirão da miscigenação, com leves pitadas de outras culturas mais exóticas. Seus “Nacibs”, seus arianos compradores de cacau estão interagindo com orixás, guias, espíritos das florestas e santos católicos. O que falar sobre Jorge Amado? Tudo ou quase tudo já foi dito e escrito.

Amado é reverenciado por toda a Bahia. Sua casa em Salvador é ponto turístico. No Pelourinho criaram a “Casa de Jorge Amado”, um centro cultural, como não podia deixar de ser. Só falta virar verbete em dicionário. A Bahia é Jorge Amado ou vice-versa? Ah! Jorge é Brasil. Amado! A Câmara Legislativa do Distrito Federal, por proposta do deputado distrital Wasny de Roure, resolveu homenagear este grande escritor brasileiro concedendo a Jorge Amado o título de Cidadão Honorário de

Brasília, no dia 15 de setembro de 1997. Em sessão especial presidida pela deputada Lucia Carvalho, com as presenças do governador do Distrito Federal, Cristovam Buarque, da vice-governadora Arlete Sampaio, além de outras autoridades, intelectuais e demais parlamentares da casa, a simplicidade de Jorge Amado e seu amor à cidade, ao lado da esposa e também escritora Zélia Gattai, deram a tônica do evento. "Fui um dos primeiros a apoiar Brasília. Tenho vaidade disso. Quando falam em Brasília, digo: minha cidade. Hoje, cidade de todos nós", agradeceu, durante a entrega do título, acrescentando que "é uma grande honra, uma grande alegria estar aqui neste dia de hoje. Foi um dia pelo qual esperei", enfatizou. Jorge Amado é unanimidade nacional, leitura obrigatória e um dos melhores escritores da Língua Portuguesa.



O governador Cristovam (E), a presidente da CLDF, Lucia Carvalho, e o deputado Wasny de Roure entregam o diploma a Jorge Amado

Autor da proposta: deputado Wasny de Roure

Falar sobre a vida e a importância literária de Jorge Amado seria redundância neste momento. O que dizer deste célebre escritor, conhecido e reconhecido em todos os meios literários? O que dizer deste intelectual baiano, mercedadamente louvado e festejado em todo o Brasil?

O que dizer deste artista maior da palavra escrita, consagrado nos círculos literários mundiais? O que dizer sobre escritor tão popular, se tudo já foi dito e redito, cantado e decantado?

Disseste um dia que a luta do cacau fez de ti um escritor. Eu diria: a vida fez de ti um escritor. A vida que soubeste e sabes viver intensamente. A vida de que adoras participar, como disseste em certa entrevista.

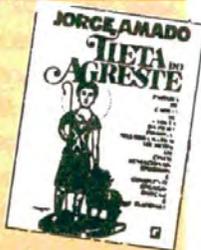
E tua vida, Jorge Amado, é a tua obra. Nela sentimos o sabor de tua infância, pisando o chão baiano sob a sombra dos pés de cacau da fazenda Auricídia. Nela, vemos o menino Jorge correndo pelas ruas de Ilhéus, observando atento a sangrenta luta pela posse das terras cacauzeiras, tentando apreender o feito da sociedade, captar os lances históricos e entender os mecanismos políticos da região.

Na tua obra, vemos o humor e a graça da sátira social, o teu compromisso político, a tua ideologia, a opressão do Estado Novo, a perseguição política, as agruras da prisão por motivos ideológicos, a tua ânsia por liberdade, no plano pessoal e social, ânsia esta que é de todos nós; na tua obra, vemos o teu grito em favor dos oprimidos; a denúncia da exploração do homem pelo homem, numa sociedade de feições medievais e feudais; vemos o sofrimento dos trabalhadores, massacrados pelo poder do capital; vemos, na tua obra, não só o lado ruim ou a interminável batalha da vida: vemos o lirismo do sentimento, a alegria do povo, o lado pitoresco e exótico da Bahia de todos nós; vemos a esperança que nunca morre, o amor que renasce, os prazeres da vida, a plenitude do ser humano.

Jorge Amado fez da Literatura a grande voz que se levanta em prol dos perseguidos, dos menos privilegiados, dos explorados; fez da Literatura o instrumento máximo para denunciar as injustiças sociais, a desigualdade econômica, a arbitrariedade dos detentores do poder. Sua obra rasgou as fronteiras da Bahia e do Brasil, tornando-se universal.

AS OBRAS

- Cacau
- São Jorge dos Ilhéus
- Terras do Sem Fim
- Capitães da Areia
- O País do Carnaval
- Mar Morto
- Jubiabá
- Seara Vermelha
- Gabriela, Cravo e Canela
- Os Subterrâneos da Liberdade
- Navegação de Cabotagem
- Tereza Batista Cansada de Guerra
- Tieta do Agreste - entre tantas outras



Presidente da CLDF deputada Lucia Carvalho

"Jorge Amado fez parte de minha vida - acho que cada um, em seu discurso, falou um pouco disso. Vim para Brasília em 1972 e o primeiro emprego que tive foi para montar uma biblioteca no SESI - foi quando conheci Jorge Amado. Até então, a formação escolar - e acho que ainda é assim, porque percebo que dos meus filhos são cobradas leituras de José de Alencar e Machado de Assis - não solicitava a leitura lírica, a leitura em prosa, suave e gostosa, de Jorge Amado, ou era muito pouco solicitada. Então, conheci a coleção de Jorge Amado em 1973, com o lançamento do livro "Tereza Batista Cansada de Guerra" - um livro que me marcou porque o conheci nesta fase.

Como você disse que veio aqui para receber este título e que ouviu discursos - embora estivesse preparado para eles, e "tem quem goste" - acho que todos nós falamos de coração, como seus filhos e como pessoas que admiram o seu trabalho. Quero deixar registrado aqui o que disse um amigo seu, Jean Paul Sartre, sobre sua pessoa: "Jorge Amado é um escritor homem livre que se dirige a homens li-

vres e só pode ter um tema: a liberdade". Jean Paul Sartre, seu amigo, o saudou com essa pequena dedicatória e perfil traçado.

Não poderia deixar de dizer também, Jorge, que Zélia Gattai sempre esteve presente entre nós e a conhecemos como um estouro, quando seu livro "Anarquistas, graças a Deus" foi apresentado em novela na televisão, mostrando toda a luta e garra dos imigrantes italianos no Brasil e resgatando uma parte da história da minha família, que é do Paraná e daquela região do Sul de São Paulo, e são italianos. A partir daquele momento, Zélia também passou a ser incorporada na minha vida cotidiana como uma grande escritora. Acho que ela é parte de todos nós.

Em nome de toda a família brasileira, nós agradecemos a presença de vocês aqui. Esperamos que este título sirva para lembrar que Brasília tem uma Câmara Legislativa que há sete anos vem construindo a cidadania - que é ainda criança, que tem erros e acertos - e tem a honra, hoje, de tê-lo como Cidadão Honorário".



Jorge Amado e a esposa, escritora Zélia Gattai, receberam o carinho do povo de Brasília

FRASES

"Jorge Amado, que tem marcado a história do Brasil com seus escritos e obras, deixa para as gerações futuras um legado histórico de grande relevância para todos nós"

Deputado
Peniel Pacheco

"Jorge Amado dedicou toda a sua vida à magia da escrita; é necessário reconhecer aquele que levou para o resto do mundo a nossa verdadeira cara, aquele que conseguiu colocar no planeta Terra o jeito de ser brasileiro"

Deputado
Miquéias Paz

"Jorge Amado, os seus livros permitem que naveguemos e entremos de coração na história dos outros, em outro tempo e espaço"

Deputado
César Lacerda

"Jorge Amado, no dizer de Dorival Caymmi, é um amigo, contagiante, bom conselheiro, alegre, apreciador de anedotas e, ao mesmo tempo, sério e austero. Esse é o nosso querido Jorge Amado, o maior escritor brasileiro do nosso tempo!"

Deputado
Tadeu Filippelli

“Eu fui a favor de Brasília desde o começo.

Quando Juscelino pensou em fazer a Capital do País no centro geográfico do Brasil, houve muita oposição dos privilegiados do Rio de Janeiro e de São Paulo, que temiam perder aqueles pólos de importância. No princípio, não foi fácil. Eu me envaideço por ter sido um dos primeiros que apoiaram a idéia de Brasília, um dos primeiros que compreenderam a importância daquilo que Juscelino propunha.

Bati-me por Brasília e não foi fácil. Estou muito em casa, estando aqui. Estou em minha casa. Esta cidade nós construímos sabendo o que queríamos e o que iríamos fazer. Esta cidade tem uma importância enorme para cada um de nós, para todo o Brasil e para todos os brasileiros.

Brasília tão rapidamente conquistou o seu lugar e se impôs ao Brasil. Tão rapidamente Brasília passou a fazer parte do que há de mais importante, culturalmente falando, de nossas vidas. É de nós todos a consciência de que a criação de Brasília foi fundamental para o desenvolvimento do Brasil; foi fundamental para que não nos restringíssemos àquela coisa pequena, mínima e reduzida a que estávamos habituados.

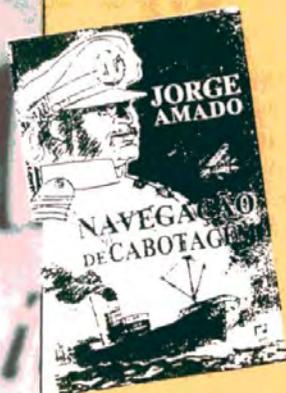
De repente, chegou alguém e cravou no centro geográfico do País a idéia da sua grandeza.



Jorge Amado veio à Câmara Legislativa do DF receber o título de Cidadão Honorário de Brasília

Brasília é muito mais que um núcleo populacional. Brasília significa a consciência que os brasileiros têm da importância de sua Pátria, da grandeza de sua Pátria, do futuro de sua Pátria.

Como disse, fui um dos primeiros a apoiar Brasília. Tenho grande vaidade disso. Quando falam em Brasília, digo: minha cidade. Hoje é a cidade de todos nós, mas houve um momento em que alguns poucos homens, à frente dos quais Juscelino Kubitschek, tiveram de



lutar de uma forma violenta para que se implantasse na consciência do País essa verdade.

Eu quero dizer muito obrigado a todos os que aqui vieram, a todos os que me honraram com sua presença; dizer muito obrigado pelas palavras exageradas que aqui foram pronunciadas a meu respeito - mas é um exagero de amizade. Não podemos colocar um freio à amizade. E quando a amizade fala, nós pensamos que é verdade.

Muito obrigado. Para mim, é uma grande honra, uma grande alegria estar aqui neste dia de hoje. Foi um dia pelo qual esperei. Eu sabia que havia de suceder a vitória desta cidade, que havíamos de triunfar em nosso empenho de dar ao Brasil uma idéia de sua grandeza, de sua beleza, de sua universalidade.

Brasília é uma cidade nova, plantada por nós. Não vem crescendo aos poucos, como as demais, de raízes as mais diversas; veio de idéias de cada um, de conceitos; veio da vontade de dar à nossa Pátria uma proposição digna dela.”

O Delegado Bananeira

□ Napoleão Valadares

Mês passado foi-se Manuelzão. Agora, Juca Bananeira. Parece que a "indesejada das gentes" está solta contra os personagens de Guimarães Rosa. Espera aí, dona indesejada. Deixe ainda com a gente o Bindóia e o Zito, ali em Andrequicé, quietos. Deixe os últimos vaqueiros de Rosa. Eles ainda têm muita coisa para contar daquela viagem que fizeram da fazenda Sirga para a fazenda São Francisco. Podem até esticar um pouco a história da mula Balalaica, chegando mais perto do Burrinho Pedrês.

E me encontro em Arinos com Darc e Zito. Este, outro, xará do vaqueiro. Passaram a infância em Cordisburgo, sabendo tudo dali. Quando dou a notícia da morte de

Juca Bananeira, eles ficam assim... "Pois é. Que coisa! Cem anos, hein?"

E vêm as lembranças e os casos. Juca Bananeira foi delegado em Cordisburgo. Era o senhor José do Espírito Santo Cruz, homem da lei. E foi nesse tempo que apareceu por lá um ladrão, que furtava gavetas de dinheiro das vendas e lojas. Delegado ficou de olho. Ali pela estação do trem, encostado num poste, picando um fuminho, investigava calado. Uma hora, bate o olho num. Lascou o "teje preso". O sujeito quis correr, Bananeira estava com a mão na goela dele. Sacou o canivete, cortou-lhe o corrião e abriu-lhe a braguilha. "Quero ver ele correr com a calça na mão."

Era o tal gatuno, que logo mais confessou e mostrou as gavetas lá do outro lado da pinguela, no meio do capim meloso. Preso, fugiu duas vezes, que a cadeia de Cordisburgo naquele tempo era de porta de madeira. Aí, o delegado resolveu tirar a roupa dele. "Quero ver ele fugir pelado."

Pois o ladrão esperou anoitecer, fugiu, esperou amanhecer. Com o sol já por ali assim, as lavadeiras foram para o rio e quando estenderam a roupa para quarar, ele apareceu nu, produzindo uma correria de mulher para tudo quanto é lado. Passou a mão numas roupas, vestiu-se e sumiu.

Hoje, lá de cima, Juca Bananeira deve estar rindo disso tudo. E falando com Manuelzão:

- É, compadre, mais antes rasgar um cerra-do fechado e orelhar um boi xucro. Esse negócio de mexer com gente é difícil demais.

O sujeito quis correr, Bananeira estava com a mão na goela dele.

Sacou o canivete, cortou-lhe o corrião e abriu-lhe a braguilha. "Quero ver ele correr com a calça na mão."

Era o tal gatuno.





Câmara Legislativa do Distrito Federal

Presidente: Lucia Carvalho
Vice-Presidente: Luiz Estevão
1º Secretário: José Edmar
2º Secretário: Benício Tavares
3º Secretário: João de Deus

Conselho Editorial

João Carlos Taveira, Chico Nóbrega, Flávio Kothe, Afonso Ligório P. de Carvalho, Margarida Patriota, João H. Serra Azul, J. Simões, Mauro Cunha C. de M. e Castro, Lenine Fluzza, Palmerinda V. Donato, José Geraldo, Fagundes de Oliveira, Francisco G. de C. Dourado (Amargedon)

Coordenador de Editoração e

Produção Gráfica: Sílvia Guedes

Editor DF Letras: Chico Nóbrega

Programação Visual: Marcos Lisboa

Editoração Eletrônica: Cláudio Gardin

Foto da capa: Arnaldo Campos

Fotografia: Fábio Rivas, Sílvia Abdon, Carlos Gandra

Revisão: Anamaria Silva Pinheiro, Glória Iracema D. F. Alencar e Vania Maria Codeço Velloso

Ilustração: Ana Caçador, Alex Cojorian

Digitação: Crissoulla Papas, Sérgio Cáceres e Gilberto Lucas

Chefe da Seção de Editoração:

Ivan Carvalho

Equipe:

Antônio Eufrazino, Apolo Guandalini, Cláudio de Deus, Dino Souza, Hélio Araújo, Marcelo Perrone, Márcia Machado, Marizete Amaro, Nelci Stein, Nilza Gerin, Oscar Monterrojas e Teobaldo André

Chefe da Seção Gráfica:

Randal Martins Junqueira

Equipe:

Abimael Amorim, Aidelton Godoy, Antônio A. dos Santos, Antônio Carlos Pereira, Carlos A. de Macedo, Celso Santana, Cláudio Quilici, Denilson Caldas, Edson de Lima, Francisco C. Bezerra, Glacy Barrozo, Irani de S. P. Araújo, Ivanildo de A. Silva, Jonatas Martins, José C. de Sousa, José Gomes, José Bergamaschi, José de Albuquerque, Lázaro Tolentino, Luiz Fidyk, Nicanor F. Ricardo, Otíniel S. Fonseca, Raimundo Nonato T. Carvalho, Reinaldo Andrade, Sebastião Peres, Sílvia R. Fonseca, Vicente Lima e Wilton Pimentel

Tiragem: 5 mil exemplares

Esta edição compreende os números 39/43, meses de maio, junho, julho, agosto e setembro/1997.

Os autores das matérias publicadas não recebem qualquer valor pecuniário e é de sua inteira responsabilidade o conteúdo das mesmas.

Redação: CEPG

Fones: (061) 348-8412 e 348-8959

Fax: (061) 348-8413

Câmara Legislativa do Distrito Federal

SAIN - Parque Rural

CEP 70086-900 - Brasília-DF

Fone: (061) 348-8000

Benefícios

Venho através desta dizer-lhes que fui informada desse trabalho, através do meu professor de português, o qual passará um trabalho sobre um artigo da revista, que foi muito elogiado.

Oostaria então, se possível, de ser uma assinante da mesma, o que com certeza me beneficiará muito.

Grata por sua compreensão.

Waléria Cândida da Silva
 Goiás Velho - GO

Inquietude

Considerar apenas a publicação da revista "DF Letras", como uma louável iniciativa da CL, é pouco. Muito pouco se esse reconhecimento não vier acompanhado de uma regular e normal cobrança editorial em favor da qualidade. Seria até uma autocobrança.

Como um ex-agitador cultural que jamais deixou de ser um leitor que discute, aqui estou vendo a revista carente de alguns cuidados no tratamento de linguagem e a qualidade de conteúdo dos textos. Tais preocupações se justificam, por se tratar de uma publicação destinada a lidar com a inquietação e as naturais reflexões críticas, próprias da arte literária.

Para dizer tudo o que devo dizer, alimento logo a certeza de minha dúvida:

— Serei ou não compreendido?

Embora criativa e bonita no seu projeto gráfico, "DF Letras" peca por não ter ainda assumido a sua identidade editorial. Suponho que isso ocorra nos seus primeiros dias de nascimento, mais em razão das naturais mudanças na direção da CL do que pela disponibilidade editorial. Vejo que a idéia origi-

nal da criação do Conselho de Editores, integrado por quem é do ramo, tinha efetivamente a finalidade de diminuir a distância existente entre a revista e os escritores. Se essa distância diminuiu eu não sei ainda, mas que a idéia sofreu alterações, sofreu. E sofreu no sentido do valor mais quantitativo do que qualitativo. O atual Conselho Editorial, pelo seu numeroso quadro de integrantes representando diferentes entidades literárias, mais parece uma estranha e caduca Assembléia Editorial.

Pelo exemplar que me chega - nº 35/38 -, vejo que a regularidade, que seria de um encarte contendo os textos de leis produzidas pelos nossos legisladores, não aconteceu. Lamentável. Isso seria de absoluta oportunidade, não só para o leitor acompanhar o nível das preocupações da CL, como ainda útil, na comparação das duas linguagens:

— a da criação literária e a do legislador.

Na linha das inquietações ou de uma possível contribuição crítica, o último número (não sei se o último) nos mostra um rápido exemplo de bom momento na edição, que é a entrevista de Godoy Garcia. As respostas que o poeta dá a um inocente questionário que lhe foi proposto, me ajudam a lembrar que a direção da revista pode e deve esquentar suas páginas com debates literários e críticas proficientes. Falta a regularidade de um espaço só para críticas, mas críticas isentas, sem a contaminação dos elogios fáceis em troca de tapinhas nos ombros. Seria a radiografia do valor (ou não) da obra criticável. Poderia ter o nome que tivesse, como o de resenhas críticas ou outro.

Numa regular depuração de linguagem que acontece

no processo de criação, a transgressão vem às vezes como a busca estética de um novo meio de expressão, mas não é isso que vejo em "DF Letras" - nº 35/38, páginas 28 a 30 -, onde um dos colaboradores ainda gasta o "beletrismo" neste fim de século. Isso me parece um chute na ventania que varria o mercado editorial e toda a produção literária de outros tempos, não na ventania de hoje.

Mas diante da dúvida de ser ou não ser entendido, fico por aqui, acreditando que a direção da revista me leve em consideração nessa rápida cobrança do critério de cobrança de um melhor controle de qualidade editorial. Acho que esse tipo de controle implicaria uma remuneração dos colaboradores (nem relógio trabalha de graça). Como implicaria ainda um compromisso de publicação de poema ou outro qualquer material, só quando previamente agendado, pautado ou solicitado pelo editor.

Compreendido ou não:
 Até sempre, o leitor que discute.

Ézio Pires
 Ex-Presidente do Sindicato
 dos Escritores do DF

Festejado

Agradecemos honroso convite de participação no "Fórum Brasília", no Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal.

Rogamos justificar nossa ausência por compromissos anteriores assumidos e, também, de nossa responsabilidade.

Parabenizamos brilhante iniciativa, revista *DF Letras*, nova fase e cumprimentamos prestigiado escritor Hamilton Pereira, o festejado poeta Pedro Tierra.

Walter Rossi - SP

Amor de Menino

Aproveitando a realização da XV Feira do Livro de Brasília e da IV Feira Internacional de Cultura, Comunicação e Turismo Cultural, em Brasília, no período de 26 de setembro a 5 de outubro, o escritor mineiro-brasiliense Wilson Pereira fez o lançamento do livro "Amor de Menino". Wilson tem sido um dos bons nomes que têm colaborado com publicações na DF Letras.

Homenagem

A poetisa Nara do Nascimento e Silva foi homenageada com uma sessão lírica, no último dia 27 de setembro, no auditório dos Pioneiros, na Administração Regional de Taguatinga, pela Academia Taguatinguense de Letras. Com uma programação diversificada, o evento contou com a participação de vários escritores.

Sucesso

Foi um sucesso de público e de vendas a realização de mais uma Feira do Livro de Brasília. De 26 de setembro a 5 de outubro, o brasiliense teve a oportunidade de conhecer os últimos lançamentos das editoras e conhecer vários escritores que compareceram ao evento. A CLDF esteve presente à XV Feira do Livro de Brasília com um stand onde foram mostrados os trabalhos realizados por esta Casa Legislativa. O DF Letras foi distribuído aos visitantes da Feira. O organizador do evento, Victor Alegria, mais uma vez acertou na mosca. Parabéns!

Palmerinda está rindo à toa!

Não é pra menos. A escritora Palmerinda Donato (foto), membro do Conselho Editorial da *DF Letras*, lançou um novo livro e recebeu um prêmio internacional da Academia de Lutèce - Paris.

Em concorrido lançamento no Memorial JK em Brasília, Palmerinda lançou o livro "JK - O Homem dos Três Emes", prefaciado por Maria Estela, filha de Juscelino Kubitschek. De Paris, ela recebeu a boa notícia. Recebeu diploma e medalha de prata por ter apresentado trabalho sobre Sarah Kubitschek, esposa de JK.



Pioneiro no IHGDF

O poeta, prosador e escritor Newton Rossi é o mais novo membro do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal. Um dos pioneiros da cidade, Newton Rossi tem um carinho muito especial por ela. É



um defensor intransigente da Capital Federal. Membro de diversas Academias de Letras de Brasília e de outros estados, Newton Rossi tem poemas traduzidos e publicados em vários países. Atualmente Newton Rossi é o chefe de Gabinete da vice-presidência da CLDF e um dos incentivadores do DF Letras.

Poetas do DF no exterior

Dois poetas de Brasília, Fernando Mendes Vianna e Anderson Braga Horta, figuram, juntamente com outros quinze brasileiros, na antologia *Poeti Braziliani Contemporanei*, bilíngüe, recentemente editada pelo Centro Internazionale della Grafica di Venezia, na Itália. O organizador, que também participa da coletânea, é Sílvio Castro, diretor da Coleção Quaderni Internazionali di Poesia. A tradução dos poemas para o italiano ficou a cargo de Giampaolo Tonini. Os outros poetas são Ferreira Gullar, Affonso Romano de Sant'Anna, Gilberto Mendonça Teles, Hilda Hilst, Suzana Vargas, Adriano Espínola, Cláudio Murilo, Carlos Nejar, Lélia Coelho Frota, Fernando Py, Domício Proença Filho, Olga Savary, Armando Freitas Filho e Marly de Oliveira.

Acaba de sair na Alemanha, pela editora Druckhaus Galrev, a antologia *Modernismo Brasileiro und die Brasilianische Lyrik der Gegenwart*, com trabalhos de 40 poetas do pós-modernismo, em tradução de Curt Meyer-Clason, tradutor de diversas obras de autores brasileiros para o alemão, destacadamente o romance *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa. A poesia de Brasília está ali representada por José Godoy Garcia e Francisco Alvim, e, ainda, por Domingos Carvalho da Silva e Marly de Oliveira, que também moraram na cidade e contribuíram para a consolidação cultural da capital. Serviu de base para a escolha dos poetas, entre outras, a coletânea organizada por Olga Savary, *Antologia da Nova Poesia Brasileira*, publicada no Rio de Janeiro em 1992. Esta traz 17 autores de Brasília.

Boa nova



Boa notícia para os escritores de Brasília. A Secretaria de Cultura e Esportes e a Fundação Cultural do Distrito Federal publicaram o regulamento do concurso para a seleção e concessão da Bolsa Brasília de Produção Literária, criada pela Lei nº 1.391, de 4 de março de 1997, e alterações posteriores. O edital do regulamento pode ser encontrado no Departamento de Promoções/Assessoria de Literatura, da Fundação Cultural do DF, localizada na Via N2, Anexo do Teatro Nacional Cláudio Santoro.

Soneto de arrependimento

Perdão, amada, pelo meu canto,
pelo que canto, pelo que faço,
pelo que sinto no desencanto,
pela metade que sou no espaço.

Perdão, amada, pelo embaraço,
pelo cansaço, pelo meu pranto,
pela saudade do teu abraço,
pelo que vivo sonhando tanto;

pela tristeza na desventura,
pela amargura do amor desfeito,
pelo que vive, pelo que dura,

pelo que mata dentro do peito.
Perdão, ainda, pela ternura,
pelo perdão que do amor foi feito.

João Carlos Taveira é crítico, escritor e poeta - DF.

Punhais íntimos

Em quantas coisas
gastamos a vida:

na busca da riqueza,
na ambição desmedida,

na gula, na avareza,
nas vãs palavras, nas brigas,

nas vaidades; na incerteza,
nos ciúmes, nas intrigas;

com quantos punhais íntimos
nos ferimos...

e somos tão fortes
que nem sentimos

as tantas pequenas mortes
em que vamos perdendo a vida.

Wilson Pereira é escritor e poeta - DF.

ODE À ALEGRIA, de Friedrich von Schiller

*Amigos, abandonai esse tom,
vamos adotar antes um tom
mais agradável e alegre!*

Alegria, alegria,
Alegria, maravilhosa centelha divina,
Filha dos deuses do Eliseu!
Nós entramos, embriagados de paixão,
ó Celestial, no teu santuário!
Tua magia volta a unir
o que a sociedade separou com rigidez,
todos os homens se tornam irmãos
quando imperam as tuas asas suaves.

Quem alcançou a suprema sorte
de ser amigo de um amigo,
quem conquistou uma esposa afeiçoada
venha juntar seu júbilo ao nosso!

Sim, também quem pode chamar sua pelo
menos
uma alma em todo o mundo;
e quem nada disso alcançou, se afaste,
chorando, da nossa agremiação!

Alegria bebem todas as criaturas
no seio da Natureza;
todos os bons de todos os maus
seguem seu rastro cheio de rosas.
Beijos nos deu e vinho
um amigo, que a morte levou.
Prazer foi concedido ao verme,
e o Querubim se encontra com Deus.

Alegre, alegre, conio o sol,
que atravessa os caminhos luminosos do
céu,
trilha, Amigos, o vosso caminho
como um herói ao encontro da vitória.

Tradução livre de Asta-Rose Alcaide - DF.

Johann Christoph Friedrich von Schiller (1759-1805)

Nasceu em Marbach (Württemberg) e morreu em Weimar, após uma brilhante carreira literária. Foi dramaturgo: *Die Räuber*, *Don Carlos*, *Kabale und Liebe*, *A Trilogia Wallenstein* e três dramas históricos: *Maria Stuart*, *Die Jungfrau von Orleans* e *Wilhelm Tell*.

Poeta, é autor das mais famosas baladas em língua alemã. Foi professor de História em Jena e, filósofo, escreveu as célebres *Cartas sobre a Educação Estética do Homem*. Participou do movimento romântico (*Sturm und Drang*) quando editou, com Goethe, a revista *Die Horen*.
